

NÚCLEO DA MUNDET SEIXAL



**NÚCLEO
DA MUNDET
SEIXAL**

PERSPETIVAR UM PATRIMÓNIO INDUSTRIAL CORTICEIRO
COM VISTA AO FUTURO



Ao promover a publicação *A Fábrica da Mundet & C.ª, Lda., no Seixal. Perspetivar um património industrial corticeiro com vista ao futuro*, a Câmara Municipal do Seixal dá continuidade à apresentação e à divulgação dos

vários núcleos e extensões que integram a estrutura territorialmente descentralizada do seu Ecomuseu Municipal.

Ao longo do seu período de laboração, a Mundet & C.ª, Lda., no Seixal (1905-1988), desenvolveu uma importante atividade económica e sociocultural, tendo-se distinguido a nível nacional e internacional pela sua organização, dimensão e quota de mercado, e ainda pela grande concentração de mão de obra de milhares de trabalhadores – homens e mulheres, muitos deles tendo iniciado o seu percurso profissional ainda menores de idade – que percorreram e laboraram nos diferentes espaços oficinais das unidades fabris do Seixal e de Amora, receberam assistência médica e participaram em organizações cívicas, culturais e desportivas. Os filhos destes trabalhadores, em tenra idade, frequentaram as respetivas creches e casas da infância, vindo mais tarde a ingressar no mesmo mundo operário e a participar numa mão de obra fabril em constante crescimento.

Num contexto político adverso, a fábrica foi ainda palco de protestos e de movimentos operários por melhores condições de vida e de trabalho que, por vezes, envolveram a comunidade local.

A importância que a indústria corticeira assumiu no desenvolvimento do concelho do Seixal, a ligação da comunidade local ao sítio e à fábrica da Mundet,

o reconhecimento do interesse histórico, patrimonial e cultural em presença (os edifícios, os equipamentos industriais, os produtos e os documentos do arquivo empresarial e, através destes testemunhos técnico-industriais, a própria organização industrial), bem como a valorização das memórias dos trabalhadores e o acesso a toda uma dimensão intangível associada à fábrica, fundamentaram a constituição de uma unidade museológica de temática corticeira para a salvaguarda, a conservação, a valorização e a divulgação do património industrial da fábrica da Mundet, no Seixal.

Como recurso patrimonial e fator de desenvolvimento sociocultural do Município do Seixal, o Núcleo da Mundet do Ecomuseu Municipal do Seixal (criado em 1998), pelas potencialidades culturais, pedagógicas e turísticas que apresenta, perspetiva-se enquanto dinamizador de novos espaços de vida e instrumento de desenvolvimento local, ao serviço da comunidade local e da sociedade em geral.

Joaquim Santos
Presidente da Câmara Municipal do Seixal



Fotografia aérea da fábrica da Mundet, no Seixal (c. 1951).

Foto: © Fundo Documental Mundet.

Índice

03	Apresentação
09	1. A história da empresa corticeira Mundet & C.^a, Lda.
09	1.1. A origem do nome <i>Mundet</i>
11	1.2. Principais fatores para a instalação da fábrica de cortiça da Mundet, no Seixal
13	1.3. A fábrica de cortiça da Mundet, na freguesia de Amora
16	1.4. A dimensão mundial do negócio corticeiro Mundet e a sua rede de unidades industriais
21	1.5. Os trabalhadores da Mundet
26	1.6. O apoio social e assistencial aos trabalhadores
33	1.7. <i>Everything made of cork</i>. Produzir para exportar
43	1.8. Da desarticulação da organização internacional do negócio Mundet à desativação da Mundet & C.^a, Lda., em Portugal
47	2. O Núcleo da Mundet do Ecomuseu Municipal do Seixal
55	3. A Mundet como recurso e fator de desenvolvimento sociocultural
65	4. Bibliografia e outras fontes

1. A história da empresa corticeira Mundet & C.^a, Lda.

A firma Mundet & C.^a, Lda. foi sucessora, em 1922, da L. Mundet & Sons, Inc., que se instalou na Quinta dos Franceses, no concelho do Seixal, em 1905. Ao longo do seu período de atividade, o espaço industrial expandiu-se e condicionou o crescimento urbano da vila. A fábrica destacou-se do panorama da indústria corticeira da margem sul do estuário do Tejo devido à grande concentração de trabalhadores e à diversidade de produção, que abrangia desde a preparação de cortiça em prancha às especialidades que, dada a sua singularidade e perfeição, deram prestígio e reconhecimento de alta qualidade à Mundet, como os produtos decorativos e o papel de cortiça.

1.1. A origem do nome *Mundet*

O nome *Mundet* tem origem numa família catalã de longa tradição corticeira. No ano 1865, o patriarca da família, Lorenzo Mundet i Corominas – a partir do fabrico corticeiro do sogro, Josep Carbó – fundou uma pequena fábrica de cortiça em Sant Antoni de Calonge, importante núcleo corticeiro localizado na província de Girona (Espanha), empreendimento que chegou a contar com cerca de 50 operários.



Do casamento de Lorenzo Mundet com Teresa Carbó y Sagner nasceram três filhos: José (n. 1869), Artur (n. 1879) e Catalina (n. 1885). Esta é a génese da empresa familiar Mundet que irá crescer progressivamente através da qualidade e diversidade dos seus produtos e, a partir da implementação de uma rede de unidades fabris, afirmar-se no mercado internacional corticeiro.

No final de Novecentos, nos arredores da cidade de Nova Iorque (Estados Unidos da América), encontrava-se em desenvolvimento um importante centro industrial corticeiro, beneficiando do porto marítimo para o abastecimento de matéria-prima e exportação dos produtos. Além do vasto mercado de consumo que os EUA constituíam, tornava-se aliciante a proximidade geográfica a outros países e mercados, entre os quais a Argentina e o México.

Em 1895, José Mundet emigra para os EUA, vindo a estabelecer-se com uma pequena unidade fabril no bairro de Brooklyn, em Nova Iorque. Passados dois anos, Artur Mundet reúne-se ao irmão naquela cidade. Por esta altura, a empresa familiar desenvolve a sua atividade sob a firma L. Mundet & Sons, Inc.

Fábrica de cortiça da família Mundet na Catalunha, Espanha (final do séc. XIX).

Dado o notável aumento do número de encomendas, a unidade fabril de Sant Antoni de Calonge de Lorenzo Mundet tornou-se pequena para satisfazer o volume de trabalho, vindo a fundar-se um segundo estabelecimento industrial em Palamós, Catalunha, Espanha.

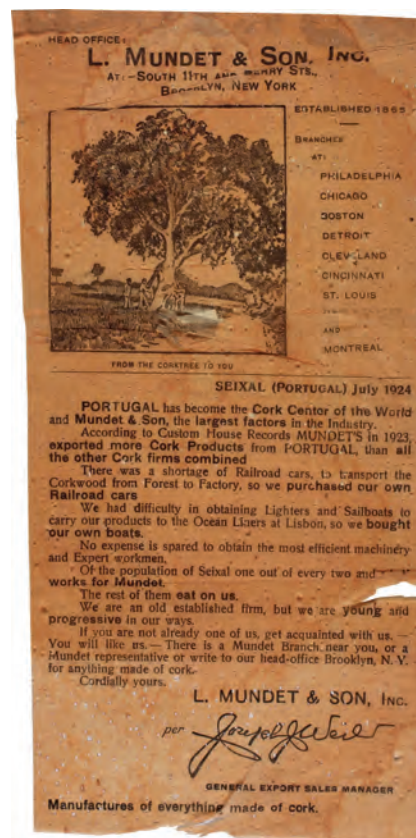
Foto: © Fundo Documental Mundet.

1. A história da empresa corticeira Mundet & C.^a, Lda

Em 1902, José Mundet alarga o negócio familiar com o estabelecimento de uma unidade industrial corticeira em Montreal, no Canadá. Nesse mesmo ano, Artur Mundet funda uma fábrica de produção de rolhas de cortiça na cidade do México e, mais tarde, dará início à comercialização de artigos para engarrafamento de bebidas, os Artículos Mundet para Embotelladores, SA. A empresa foi adquirida, em 2002, pela indústria mexicana da Coca-Cola.

Será também pela mão de Artur Mundet, em representação da L. Mundet & Sons, Inc. que, em 1905, é adquirida uma parcela da Qt.^a dos Franceses, no Seixal, destinada à fundação de uma nova fábrica da empresa. Artur Mundet terá acompanhado a instalação da fábrica no Seixal, até à chegada do cunhado, Luíz Gubert i Capellà (também proveniente de uma importante família corticeira de Palamós), e de Catalina Mundet Gubert, no ano seguinte.

A L. Mundet & Sons, Inc. era então constituída por quatro sócios: José Mundet, Artur Mundet (sócios maioritários na sociedade), Lorenzo Mundet e Luíz Gubert. Em 1908, com a dissolução da firma, deu-se a saída da sociedade de Artur Mundet (que irá continuar a desenvolver o seu próprio negócio de refrigerantes no México) e a partilha dos bens sociais da empresa pelos sócios. A partir deste momento, a propriedade da fábrica do Seixal ficou a pertencer, em comum, a Lorenzo e a José Mundet. Nesse mesmo ano é fundada a firma L. Mundet & Son, Inc. dos sócios Lorenzo Mundet, José Mundet e Luíz Gubert i Capellà.



Folha promocional da L. Mundet & Son, Inc., de 1924. Impressa em fino papel de cortiça, esta folha promocional salienta a importância socioeconómica da fábrica a nível local, quando especifica que um em cada dois habitantes na vila do Seixal trabalha na Mundet, enquanto a subsistência da restante população estaria dependente da fábrica. À época, a empresa era a maior empregadora do município do Seixal, sendo a sua população fabril constituída por cerca de 1000 trabalhadores. Documento cedido por Edgar Rendeiro.

Em 1910, é criada a marca comercial Sidral Mundet para bebidas refrigerantes, ainda hoje muito popular no México. Foto cedida por Arturo Zindal Mundet.

1.2. Principais fatores para a instalação da fábrica de cortiça da Mundet no Seixal

A decisão da instalação de uma fábrica em Portugal e, mais especificamente, no Seixal, terá tido origem nas dificuldades do negócio em Espanha. O ambiente social conturbado que, no princípio do séc. XX, se fazia sentir na Catalunha e o agravamento dos direitos aduaneiros no que se refere à exportação de cortiça em prancha e de rolhas (visando proteger o desenvolvimento da indústria corticeira de transformação espanhola) estimularam o recurso ao mercado fornecedor português. Esta situação dificultava o provimento de matéria-prima, a partir de Espanha, às fábricas da Mundet instaladas nos EUA e no Canadá e o fornecimento de cortiça à fábrica de Artur Mundet, no México.

A instalação de uma fábrica em Portugal permitia uma mais fácil obtenção de matéria-prima de qualidade, em quantidades apreciáveis e a baixo custo, sem grandes restrições à sua exportação, beneficiando o abastecimento das fábricas que a Mundet mantinha na Europa e, em especial, no continente americano (EUA e Canadá, países não produtores de cortiça).

Nos primeiros anos de funcionamento, a fábrica da Mundet, no Seixal, ter-se-á dedicado principalmente à aquisição de um grande volume de matéria-prima e à preparação, à seleção e ao enfardamento de prancha de cortiça, funcionando como unidade industrial de preparação de matéria-prima para provimento das unidades industriais transformadoras que a empresa detinha no estrangeiro. Esta vertente da preparação de cortiça estará presente ao longo de todo o período de laboração da empresa em Portugal.

Porém, em 1906, a fábrica do Seixal dava também início à exportação de rolhas, logo seguida pelas remessas de produtos semipreparados, entre os quais as aparas e os quadros de cortiça. Na fase inicial da sua instalação e durante um breve período, a amêndoa com casca foi outro dos produtos exportados pela empresa.



Veículos de tração animal (através da utilização de gado asinino ou muar) transportavam a cortiça dos montados de sobro para a beira das estradas ou para depósitos de cortiça. A partir daí, a cortiça era transportada em camiões até aos pontos onde se fazia o transbordo da matéria-prima para os meios de transporte fluvial ou ferroviário.

Fotos: © Fundo Documental Mundet.
Foto (ao centro) cedida por Hermínia Oliveira.

1. A história da empresa corticeira Mundet & C.ª, Lda



O transporte de cortiça por caminhos de ferro.

A localização no concelho do Seixal trazia ainda vantagens na relativa proximidade às áreas de produção para abastecimento de matéria-prima, podendo a cortiça ser transportada por via terrestre e, sobretudo, ferroviária, a partir das regiões da Beira, Ribatejo e do sul do país, até à estação de mercadorias de Sul e Sueste, no vizinho concelho do Barreiro.

Foto: © Fundo Documental Mundet.



A proximidade ao porto internacional de Lisboa, de fácil acesso por via fluvial, visava ainda a importação de maquinaria e de outros equipamentos de produção e de combustíveis, entre outros produtos fundamentais à atividade industrial corticeira.

O apoio no transporte fluvial da cortiça e de outros produtos necessários à indústria e à fábrica levou a Mundet a servir-se de um cais de acostagem de utilização privativa e a constituir uma frota privativa de embarcações tradicionais de transporte de mercadoria, que só veio a abandonar após a construção da ponte sobre o Tejo, na década de 1960.

Imagens cedidas por Elso Roque (esquerda) e Hugo Viriato Pescadinha (direita).

1.3. A fábrica de cortiça da Mundet na freguesia de Amora

Com o passar do tempo e o desenvolvimento do negócio Mundet, o estabelecimento industrial instalado junto à sede do concelho do Seixal tornou-se relativamente pequeno para responder ao aumento do volume de trabalho e à crescente diversidade da sua produção. Considerada a impossibilidade de ampliação da fábrica através do recurso à aquisição de propriedades vizinhas (à época, esta unidade industrial encontrava-se limitada, quer pelo rio, quer por antigas propriedades rurais – a parcela remanescente da Quinta dos Franceses e as quintas de Santa Teresinha, do Bravo e da Estalagem – onde ainda se realizava a exploração agrícola dos terrenos), a empresa opta por instalar uma segunda unidade industrial no outro lado do braço do rio Tejo, na freguesia de Amora.

Assim, em plena I Guerra Mundial, a empresa alargou o total da sua área fabril disponível no concelho do Seixal com o recurso ao arrendamento, em 1917, das instalações de uma antiga moagem a vapor e descasque de arroz do séc. XIX (adquiridas pela Mundet volvidos vinte anos), em Amora, passando a beneficiar das características das margens, da preexistência de cais e facilidades



de acesso, dando origem a uma importante unidade industrial de preparação e de transformação de cortiça.

A partir de 1926, a aquisição de novas propriedades – entre as quais, uma parte da Quinta de Santo António – possibilitou a ampliação das oficinas da fábrica de Amora e permitiu a realização de uma profunda reorganização daquela unidade industrial. Enquanto a fábrica velha continuou a ocupar as instalações da antiga moagem, a sul da Rua Mundet – antiga Rua Trás das Hortas (em 1930, a Câmara Municipal do Seixal homenageou a empresa com o batismo desta pequena artéria em Amora) –, vocacionada para a preparação de prancha, enfardação de aparas de cortiça e para a tecelagem de juta destinada ao acondicionamento dos produtos, acolhendo ainda os serviços de apoio de serralharia e carpintaria, a transformação corticeira transitou para a fábrica nova – a norte da Rua Mundet –, beneficiando de instalações construídas de raiz para acomodar a produção de discos, rolhas, boias e palmilhas.

Por essa altura, a sua capacidade de produção em trabalho normal era de 5000 kg de enfardamento de aparas, 560 metros de linhagem (grossaria), 1383 kg de discos, 8100 kg de boias e 64 grosas de palmilhas.

A fábrica encontrava-se localizada na periferia da povoação ribeirinha de Amora, como convinha a uma indústria considerada incómoda devido aos fumos da chaminé industrial e ao perigo de incêndio. A propriedade oferecia uma boa exposição solar (indispensável para a secagem da cortiça que chegava do mato e era empilhada ao ar livre), com poços de captação da água nativa de boa qualidade, necessária ao funcionamento das caldeiras e ao cozimento da matéria-prima.

Foto: © Fundo Documental Mundet.

1. A história da empresa corticeira Mundet & C.ª, Lda



No início da década de 30 do séc. XX, a fábrica da Mundet, em Amora, empregava 572 trabalhadores corticeiros, dos quais 278 eram mulheres operárias e 102 operários menores.

Em 1959, a fábrica de Amora possuía 566 operários, absorvendo a quase totalidade da população operária da freguesia. Tendo-se especializado no fabrico de discos, empregava 200 mulheres na escolha deste produto, de um total de 253 operárias que trabalhavam na fábrica.

Fotos: © Fundo Documental Mundet.



Em 1937, a Mundet & C.^a, Lda. adquire uma nova parcela da Quinta de Santo António, no lugar e freguesia de Amora. Foi no edifício de habitação desta antiga quinta, junto ao largo da Fonte de Cima e separada da zona fabril pela Rua dos Operários (antiga azinhaga do Cabo da Marinha), que a empresa instalou a respetiva creche para os filhos dos operários da Mundet, inaugurada nesse mesmo ano. Com o passar do tempo, o edifício irá sofrer ampliações e, em 1943, além da creche, passa a acolher as funções de refeitório e de casa de infância. Nessa mesma década foi instalado o refeitório económico da FNAT – Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho, destinado aos seus trabalhadores.

No início de 1951, eram 352 os filhos de trabalhadores da firma que frequentavam as instalações da creche e casa de infância da fábrica da Mundet, em Amora. Após o encerramento das casas de infância da empresa (Seixal e Amora), em 1953, por dificuldades financeiras da empresa, a creche da fábrica de Amora passou a incluir, nas suas instalações, a dupla função de berçário e de jardim de infância.

Fotos: © Fundo Documental Mundet.



1.4. A dimensão mundial do negócio corticeiro Mundet e a sua rede de unidades industriais

Nas primeiras décadas de atividade industrial da empresa em Portugal, o provimento da matéria-prima necessária às várias unidades industriais que a Mundet possuía, quer em Portugal, quer no estrangeiro, levou à fundação e à exploração de alguns estabelecimentos industriais destinados a apoiar o acesso e a aquisição de grandes quantidades de cortiça com as características necessárias à preparação de prancha e à produção de uma gama muito variada de produtos corticeiros. Nos dois primeiros decénios do séc. XX laboraram, durante um curto período de tempo, pequenas unidades industriais de preparação de cortiça em Mora e Vendas Novas.

A partir de 1922, a Mundet & C.^a, Lda. foi sucessora, em Portugal, da L. Mundet & Son, Inc., empresa que continuou a desenvolver a sua atividade industrial e comercial nos Estados Unidos da América (na década seguinte, a empresa americana sediada em Nova Iorque passa a designar-se Mundet Cork Corporation). José Mundet (sócio maioritário) e Luíz Gubert irão, numa primeira fase, ser os principais impulsionadores e dinamizadores da exploração da Mundet & C.^a, Lda., que na sua constituição irá também contar, pela primeira vez, com capital português.

Constituída a nova sociedade, o negócio da Mundet em Portugal parece ganhar um novo incremento. A cooperação com as outras empresas congéneres da organização Mundet, designadamente nos EUA e no Canadá, encorajaram um forte desenvolvimento técnico e industrial, possibilitando o alargamento da oferta a novos mercados.

Em pleno estuário do Tejo, os cais acostáveis das fábricas da Mundet, no Seixal, Amora e Montijo, eram utilizados para descarregar a cortiça que chegava diretamente das áreas de sobreiral e montado. No início dos anos 1940 e durante um breve período, a Mundet arrendou ainda a fábrica da Companhia de Agricultura de Portugal, Lda., na Quinta da Trindade, no Seixal,

utilizada quer para a preparação da matéria-prima, quer como entreposto para a expedição de mercadorias por via ferroviária.

No início da década de 1950, além das seis unidades industriais que detinha em Portugal – em Amora (concelho do Seixal), Seixal, Montijo, Ponte de Sor, Mora e Vendas Novas –, o negócio corticeiro Mundet encontrava-se organizado em diversas empresas e estabelecimentos fabris localizados no estrangeiro: Mundet Cork Corporation, com fábricas em North Bergen e Hillside, Nova Jérсия – nos EUA; Mundet Cork & Insulation Ltd., com fábricas em Montreal e Toronto – no Canadá; e Mundet Cork Products Ltd., com fábrica em Croydon, Surrey – em Inglaterra, produzindo uma gama variada de produtos em cortiça natural e aglomerada nos sectores rolheiro, aglomerado e decorativos, e mantendo uma rede comercial de projeção mundial.

O sucesso do negócio da cortiça Mundet alicerçou-se na coesão das várias companhias, consolidada ao longo do tempo por via de a gerência das várias sociedades se ter mantido sob o controlo da família Mundet: José Mundet (entre 1905 e 1938) e o seu filho, Joseph Mundet Jr., sócios maioritários das sociedades e participantes nos órgãos de gestão das várias empresas.

Núcleo da Mundet Seixal



Planisfério em cortiça.

A Mundet Cork Corporation foi, simultaneamente, um dos mais importantes clientes da Mundet & C.ª, Lda., instalada em Portugal, e até meados da década de 1960 o seu principal distribuidor de produtos para os EUA e para vários países localizados na América Central e do Sul.

Foto: © Fundo Documental Mundet.



Publicidade da Mundet, impressa numa pequena folha de papel de cortiça.

Documento cedido por Edgar Rendeiro.

1. A história da empresa corticeira Mundet & C.^a, Lda

A par das dificuldades económico-sociais da conjuntura da II Guerra Mundial e do período de pós-guerra, os anos 1940 foram marcados por um período conturbado no que respeita à transmissão de liderança do negócio Mundet e à gerência da Mundet & C.^a, Lda., após o falecimento de José Mundet, em 1940. No início da década, os sócios e gerentes Luíz Gubert e Joaquim de Sousa interpuseram uma ação judicial para dissolução da sociedade. A ação terminou em 1947 e teve como consequência a saída da gerência e,

mais tarde, da empresa, de Luíz Gubert e de Joaquim de Sousa.

Conquanto este conflito tenha marcado a história da empresa e tido repercussões na atividade do negócio corticeiro da Mundet, com a conclusão da ação em tribunal e mantendo-se a Mundet & C.^a, Lda. no controlo da família por via da concentração de capital, Joseph Mundet Jr. (sócio maioritário desde 1938) assume a liderança da empresa em Portugal.



Fábrica da Mundet de Mora.

Nos anos 1920, procurando tornar mais eficaz a sua capacidade de resposta perante o aumento do consumo e globalização dos mercados, a Mundet adquire algumas propriedades junto à estação ferroviária de Mora, dando origem à fábrica de Vinha da Cruz (a esta unidade industrial veio a juntar-se, presumivelmente a partir dos anos 1940, a propriedade de Serradão).

Fotos: © Fundo Documental Mundet.



Fábrica da Mundet de Ponte de Sor.

Na mesma década, a Mundet funda uma fábrica de preparação de cortiça, sita no lugar de Ónias, em Ponte de Sor, assegurando, assim, o aprovisionamento de grandes quantidades de cortiças, adequadas à diversidade de produtos que eram produzidos nas suas unidades industriais, quer em Portugal, quer no estrangeiro. Além dos mencionados estabelecimentos vocacionados para a aquisição e para a preparação de cortiça em Portugal, durante os primeiros anos da década de 30 do séc. XX, a Mundet & C.ª, Lda. deteve uma unidade industrial de preparação de cortiça no Norte de África, mais precisamente em Djidjelli, na Argélia, que foi destruída, alguns anos mais tarde, por um incêndio. A estas unidades industriais preparadoras, veio a juntar-se em 1949 a fábrica de Vendas Novas (cuja atividade encerrou passados quatro anos).

Fotos: © Fundo Documental Mundet.



1. A história da empresa corticeira Mundet & C.ª, Lda



Fábrica da Mundet, no Montijo.

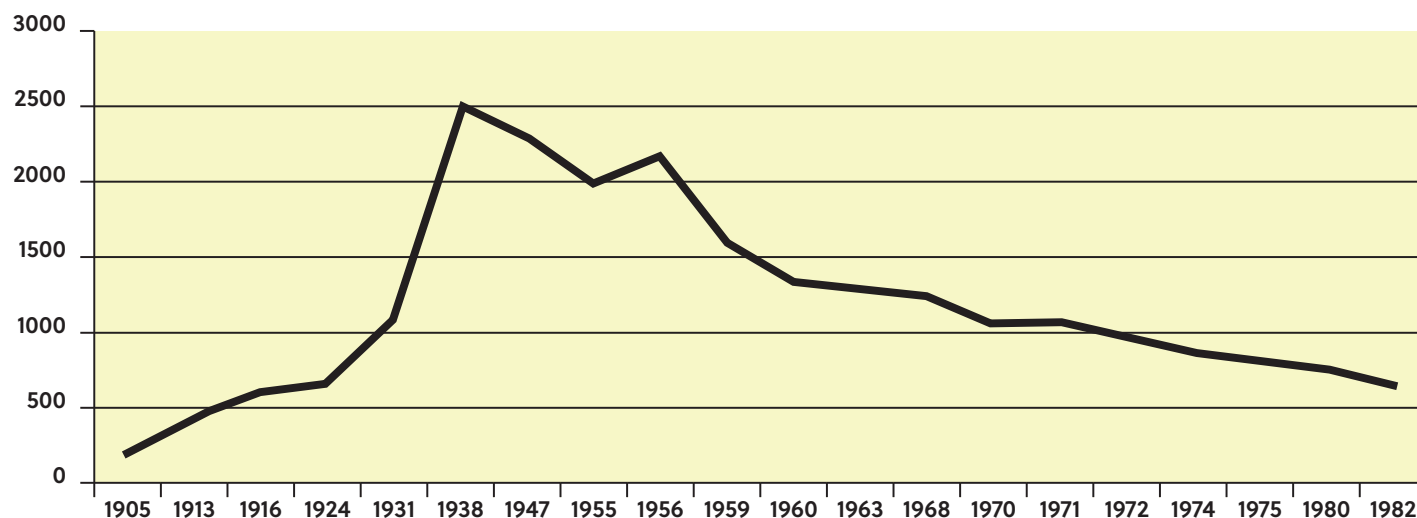
A empresa aproveitava as cortiças mais fracas, os refugos e as aparas provenientes da preparação da cortiça e do fabrico de rolhas e de discos, que ocorria nas suas fábricas do Seixal e de Amora, reintegrando-os como matéria-prima para o fabrico dos aglomerados.

Nos anos 1920, foi fundada a fábrica da Mundet no concelho do Montijo, que na sua origem era constituída por duas unidades industriais: Bela Vista (1922) e As Nascentes (1925). Enquanto a primeira era destinada à preparação e à exportação de prancha de cortiça, o segundo estabelecimento fabril tinha em vista a trituração e a produção de granulados e aglomerados de cortiça.

Inicialmente, o fabrico de aglomerados restringia-se aos aglomerados puros expandidos (utilizados nos isolamentos térmico, acústico e antivibrático), estendendo-se, mais tarde, aos aglomerados compostos aplicados em vedantes e no fabrico de pavimentos e de revestimentos de paredes.

Fotos: © Fundo Documental Mundet.

1.5. Os trabalhadores da Mundet



Fonte: Ferreira, Fernanda (2003).

Evolução do número de trabalhadores na fábrica da Mundet, no Seixal (1905-1982).

Dos 200 trabalhadores à data da instalação da fábrica no Seixal – na sua maioria mulheres e menores provenientes de famílias de pescadores locais –, esta unidade chegou a atingir os 4 223 operários corticeiros em 1947, porventura a década mais marcante no desenvolvimento da empresa em Portugal.

Concorrendo com a população local, a mão de obra que se formou ao longo de décadas contou com uma larga participação de trabalhadores vindos de várias regiões do país, sobretudo das regiões da Beira (dos distritos de Viseu e Castelo Branco), do Alentejo e do Algarve. No âmbito da formação do operariado local (no princípio do séc. XX, sem grande tradição industrial corticeira), durante o período de instalação e nas primeiras décadas de atividade, a fábrica contou com mão de obra especializada de nacionalidade espanhola, a qual assumiu ainda um papel fundamental na organização e na supervisão dos processos produtivos implementados na unidade fabril do Seixal e, mais tarde, na fábrica de Amora. Nos primeiros anos de laboração, o estabelecimento industrial para fabricação de rolhas e preparação de cortiça para exportação da Mundet,

no Seixal, empregando um elevado número de mulheres e menores, praticava extensos horários de trabalho e baixos salários. Considerada a necessidade da criação de uma associação de classe que defendesse os interesses dos trabalhadores, em 1907 os corticeiros do Seixal organizam-se numa secção que integrou a Associação de Classe dos Operários Corticeiros do Barreiro.

A greve dos corticeiros, organizada no ano seguinte, enquadra-se num movimento geral desta classe, constituindo a primeira movimentação operária corticeira na antiga vila do Seixal, motivada por solidariedade e comprometimento profissional. Em 1909, em protesto por aumentos salariais, cerca de 200 trabalhadores da fábrica da Mundet entram pela primeira vez em greve.

1. A história da empresa corticeira Mundet & C.ª, Lda

Fotografia aérea da fábrica da C.G. Wicander, no Seixal. Com o estabelecimento da fábrica de cortiça da empresa sueca C. G. Wicander – ligada à Aktiebolaget Wicanders Korkfabriker, empresa sediada em Estocolmo (Suécia) desde 1865 –, em 1912, na Quinta D. Maria, no Seixal, a instalação de uma segunda unidade industrial da Mundet & C.ª, Lda. na freguesia de Amora (1917) e após várias tentativas frustradas, foi fundada, em 1921, a Associação de Classe dos Operários Corticeiros do Seixal. Foto cedida por Hermínia Oliveira.



Fotografia dos operários e operárias da Queimado & Pampolim, Lda., no período pós-Revolução de 25 de Abril de 1974.

A associação de classe corticeira consolida-se com a instalação, em 1935, na freguesia de Amora, do estabelecimento fabril da empresa Produtos Corticeiros Portugueses, Lda. (de que a firma Queimado e Pampolim, Lda. foi sucessora, a partir de 1953), uma das mais consideradas no meio industrial e exportador, associada à Crown Cork & Seal Corporation, de Baltimore – EUA, empresa pioneira no fabrico de cápsulas coroa (vulgarmente conhecidas por «caricas» de metal, revestidas no seu interior por um fino disco de cortiça). Foto cedida por Edgar Rendeiro.



Genericamente, podemos considerar que os anos 30 e 40 do séc. XX foram as décadas que registaram um maior número de admissão de trabalhadores na Mundet & C.^a, Lda., na sua maioria provenientes de contextos familiares de baixos recursos económicos e culturais.

Com exceção do sector de preparação de matéria-prima e na indústria de aglomerados de cortiça, cuja mão de obra era predominantemente masculina, o operariado feminino foi uma constante na indústria corticeira.

A partir de 1927 passou a ser permitida a admissão de trabalhadores na fábrica ao atingirem os 12 anos

de idade (idade mínima permitida por lei). Estes operários, menores de idade, eram ajudantes, aprendizes ou faxinas, realizando pequenas tarefas inerentes ao transporte, à preparação e à transformação de cortiça.

Os primeiros resultados de um estudo sobre os trabalhadores da empresa, realizado pelo Ecomuseu Municipal do Seixal, indicam que, nos anos 1940, a idade de admissão na faixa etária entre os 10 e os 15 anos atingiu os 52 % no universo de trabalhadores, o que coloca em evidência a importância e o peso das faixas etárias mais jovens, participantes ativos no trabalho e nos circuitos produtivos.



Saída da fábrica, no início da década de 50 do século XX.

Foto: © Fundo Documental Mundet.

1. A história da empresa corticeira Mundet & C.ª, Lda



Legenda: 1 - Secção da prancha 2 - Caldeiras de cozer 3 - Central térmica Babcock & Wilcox 4 - Oficina de Champanhe 5 - Oficina de Rebaixar 6 - Oficina de Broca 7 - Oficinas de apoio (entre outros, serralharia, carpintaria, pintura, eletricidade, correeiros e funileiros) 8 - Oficina de lavagem e secagem de rolhas e discos 9 - Silos de armazenamento de rolhas e discos 10 - Emalação e armazém de expedição 11 - Oficina de Papel de Cortiça 12 - Oficina de Discos 13 - Refeitórios 14 - Oficina de Escolha de Rolha 15 - Escritórios 16 - Principal portão da fábrica

Foto: © António Silva, 2005.

O mesmo estudo refere que, no referido período, nas fábricas da Mundet instaladas nas freguesias do Seixal e de Amora, os corticeiros atingiam cerca de 97 % no universo de trabalhadores. Além dos corticeiros, mestres e operários de diversificadas categorias profissionais,

trabalhavam na fábrica, entre outros, pessoal ocupado nos fretes terrestres e marítimos, empregados de escritório e agentes comerciais, designers, amas da creche e da casa de infância, pintores, funileiros, fogueiros, correeiros, eletricitas, carpinteiros e serralheiros.



Exercício dos Bombeiros Privativos da Mundet & C.^a, Lda.
Muitos dos trabalhadores da Mundet tiveram ainda um papel relevante na dinamização da corporação privativa de bombeiros da empresa e nas várias modalidades praticadas no âmbito do Grupo Desportivo da Mundet & C.^a, Lda. (criado nos anos 50 do séc. XX), entre outras organizações cívicas e culturais criadas pelos trabalhadores e apoiadas pela empresa.

Foto: © Fundo Documental Mundet.



Corpo de banda da Sociedade Filarmónica Democrática Timbre Seixalense, junto à porta da casa de infância da Mundet, Seixal.
Durante um certo período, o corpo de banda da Sociedade Filarmónica Democrática Timbre Seixalense foi maioritariamente constituído por trabalhadores da Mundet, refletindo o papel do dinamismo dos seus trabalhadores no associativismo local e no desenvolvimento de atividades culturais e recreativas.

Foto cedida pela Sociedade Filarmónica Democrática Timbre Seixalense.

Ao longo de oito décadas, a história empresarial confunde-se com a história do movimento operário, coexistindo as lutas sociais e operárias com a atividade industrial. Largos milhares de trabalhadores partilharam experiências e dificuldades decorrentes de um trabalho árduo e disciplinado, por vezes desenvolvido em regime de empreitada, por um magro salário, dando origem

a uma consciência cívica e política que se manifestou em vários momentos ao longo do séc. XX, em manifestações de protesto e greve por aumentos salariais, pela melhoria das condições de segurança e saúde no trabalho, contribuindo para moldar o espírito de luta e resistência que caracterizaram uma das mais fortes comunidades corticeiras do país.

1.6. O apoio social e assistencial aos trabalhadores

A partir da década de 30 do séc. XX, a Mundet prestou aos seus trabalhadores e familiares diversos apoios sociais e assistenciais.

Em 1935, foram criados os refeitórios da empresa na fábrica instalada no Seixal, procurando criar

melhores condições aos já muitos operários da firma que, por residirem longe, habitualmente tomavam as refeições na berma da estrada e em quintas vizinhas. Por altura da Guerra Civil Espanhola (1936-1939), a cozinha dos refeitórios dava início à oferta de sopa dos pobres a antigos trabalhadores da fábrica e a elementos da comunidade local mais carenciados.



Creche para os filhos dos trabalhadores da fábrica da Mundet, no Seixal.

Fotos: © Fundo Documental Mundet.

Núcleo da Mundet Seixal



Casa da infância da fábrica da Mundet, no Seixal. Dado o elevado número de operariado feminino ao seu serviço, em 1937, instala uma creche no edifício de habitação da antiga Quinta de Santo António, junto ao largo da Fonte de Cima, na freguesia de Amora. Volvidos dois anos, instala-se a creche para os filhos dos trabalhadores na unidade fabril no Seixal, seguindo-se, em 1943, a fundação de casas de infância em ambos os estabelecimentos industriais. Estes equipamentos sociais eram servidos por um quadro próprio de pessoal habilitado, bem como de acompanhamento médico por clínicos privados.

Fotos: © Fundo Documental Mundet.



1. A história da empresa corticeira Mundet & C.^a, Lda

A Caixa de Previdência do Pessoal da Firma Mundet & C.^a, Lda., criada em 1942, exerceu a sua ação sobre os empregados e operários assalariados, dependentes ao serviço da firma com carácter permanente, visando abranger os trabalhadores de todas as fábricas instaladas em Portugal e ainda das sucursais de Lisboa e Porto, atingindo um total de 4246 beneficiários no final do primeiro ano de funcionamento.

Os benefícios incluíam a assistência médica, subsídio na doença, reforma ordinária aos 65 anos e extraordinária, por invalidez adquirida antes de atingida aquela idade, e subsídio por morte. Além destes benefícios, a Caixa de Previdência promovia, entre outras iniciativas de apoio social, a assistência a parturientes (o sistema de previdência social português, criado em 1935, só passou a integrar a proteção à maternidade em 1962), a disponibilização de medicamentos, a distribuição de roupas e calçado e a organização de colónias balneares durante o verão para os filhos dos beneficiários.

No mesmo ano da instalação da Caixa de Previdência, foi criada a Caixa de Abono de Família do Pessoal da Firma Mundet do Seixal. Assente em contribuições a cargo dos trabalhadores e da empresa, constituiu uma importante medida de auxílio às famílias operárias mais numerosas que lutavam com dificuldades, passando o salário a ser acrescido de um complemento salarial – o abono familiar.

Por essa altura, a Caixa de Previdência contava já com dois serviços de ação médico-social, um situado no Seixal e outro em Amora, a funcionar em instalações próprias.

Na década de 1970, esta caixa de previdência privativa foi integrada na Caixa de Previdência e Abono de Família do Distrito de Lisboa.

Em 1955, foram inauguradas instalações modelares, projeto do Posto Médico da Caixa de Previdência do Pessoal da Firma Mundet & C.^a, Lda., da autoria do arquiteto Conceição Silva.

Fotos: © Fundo Documental Mundet.





Concretizando um dos objetivos a que se propunha desde a sua fundação, a Caixa de Previdência do Pessoal da Firma Mundet & C.ª, Lda. inaugurou, em 1964, o Bairro dos Corticeiros na Quinta do Rosinha, em Amora, disponibilizando 176 casas económicas para os seus trabalhadores.

Foto em cima: © António Silva, 2007.

Foto em baixo: © Autor desconhecido [198?].



1. A história da empresa corticeira Mundet & C.ª, Lda



No âmbito do plano desportivo e recreativo, saliente-se, no início dos anos 1950, a fundação do Grupo Desportivo Mundet (GDM). Destinadas inicialmente à prática do desporto e à recreação dos seus trabalhadores, as iniciativas do GDM acabaram por ser abertas à participação de toda a população do concelho. Em 1955, a sua massa associativa ascendia a 1350 sócios contribuintes e a 60 atletas.

Fotos cedidas por Manuela Nobre (em cima) e Joaquim Oliveira (em baixo).



Entre as modalidades iniciais, encontravam-se o basquetebol, o voleibol e o ténis de mesa. Mais tarde, tiveram destaque a patinagem artística e o hóquei em patins (distinguido, em 1952, com o título de Campeão Nacional da 2.ª Divisão), que gozaram de grande popularidade no concelho. Aspeto inovador foi a formação de uma equipa de hóquei em patins feminina, constituída por jovens trabalhadoras da fábrica.

Fotos cedidas por Manuela Nobre.



1. A história da empresa corticeira Mundet & C.ª, Lda

Paralelamente às atividades desportivas, o GDM desenvolveu outras atividades culturais e recreativas que tiveram bom acolhimento junto dos trabalhadores da empresa e da população do concelho, como o cinema na esplanada e os serviços de difusão sonora com emissões

radiofónicas de pequenas notícias e de música. Na década de 1960, o GDM atravessou um período de menor rendimento desportivo que, tendo coincidido com a necessidade de ampliação das instalações fabris, resultou no desaparecimento do próprio grupo desportivo.



Nos anos 1970, um grupo de trabalhadores decide reviver a tradição desportiva da empresa, formando o Grupo Desportivo dos Trabalhadores da Mundet, deslocalizando as atividades desportivas para a zona ribeirinha da fábrica e abrindo as iniciativas aos jovens do concelho.

Documento cedido por Edgar Rendeiro.

1.7. *Everything made of cork.* Produzir para exportar

A ampla ação e influência da Mundet & C.^a, Lda., que se desenvolvia diretamente do produtor ao consumidor, a grande variedade dos produtos fabricados nas suas unidades fabris – no sector

rolheiro, como no dos aglomerados e dos decorativos – mostra bem, não só a importância económica da sua produção, mas o grau de perfeição e progresso atingidos por esta indústria no concelho do Seixal.



Mostruário de produtos. Ao longo do seu período de atividade, a Mundet abarcou praticamente todos os produtos e aplicações de cortiça.

Foto: © Fundo Documental Mundet.

Indústria preparadora

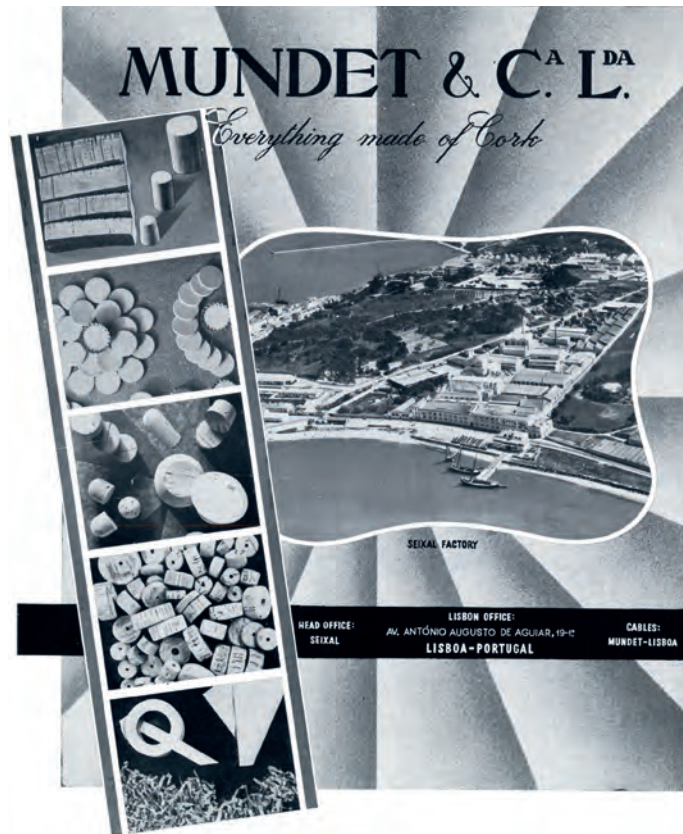


Um dos principais produtos exportados terá sido o fardo de cortiça em prancha (depois de cozida e selecionada a matéria-prima, a cortiça era enfardada para exportação em função das espessuras e das diferentes classes). A título de exemplo, no que se refere especificamente à fábrica da Mundet, no Seixal, em 1938, a empresa produziu 476 160 milhões de fardos de cortiça em prancha. Cada fardo pesava cerca de 80 kg.

Fotos: (em cima à esquerda) © Fundo Documental Mundet, (em cima à direita) cedida por Hermínia Oliveira, (ao centro e em baixo) © Júlio Pereira Dinis.



Indústria de transformação: a cortiça natural e as suas aplicações



No seu dia a dia, na fábrica produziram-se, além de uma grande diversidade de rolhas, esferas de vários diâmetros, utilizadas como núcleos das bolas de hóquei, de críquete, de basebol e pequenas bolas para apitos. Entre outras peças de cortiça com aplicação em artigos de desporto, destacamos as destinadas aos volantes de badmínton.

Dadas as características de flutuabilidade da cortiça, foram produzidos boias e coletes salva-vidas em cortiça até à década de 40, altura em que passaram a ser difundidos os coletes e boias infláveis.

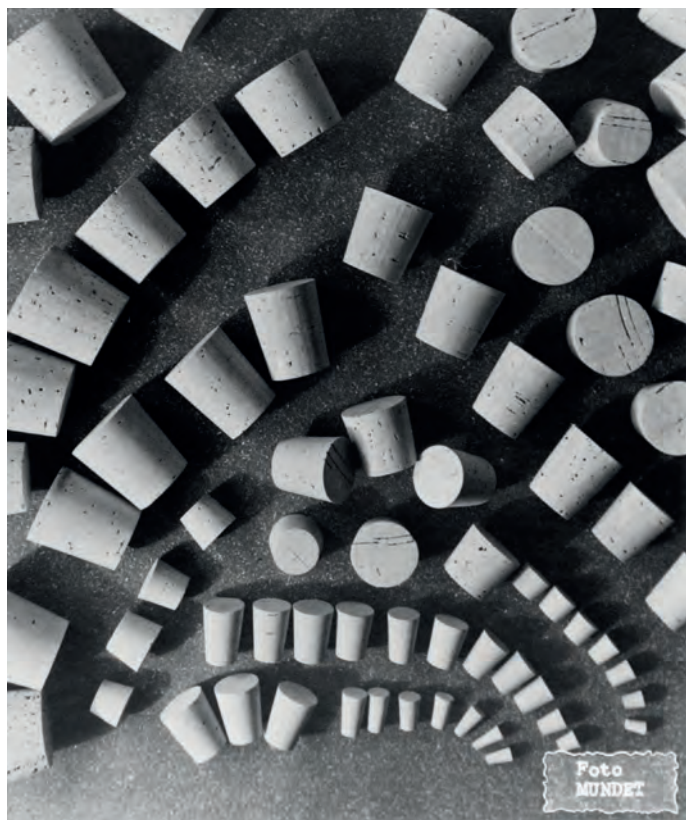
A Mundet produziu ainda boias marítimas e uma grande diversidade de bastões, punhos para canas de pesca e boias, entre outros utensílios relacionados com a atividade piscatória.



Publicidade da Mundet à grande diversidade de produtos e de aplicações de cortiça natural produzida nas fábricas da Mundet, no Seixal e em Amora.

Fotos: © Fundo Documental Mundet.

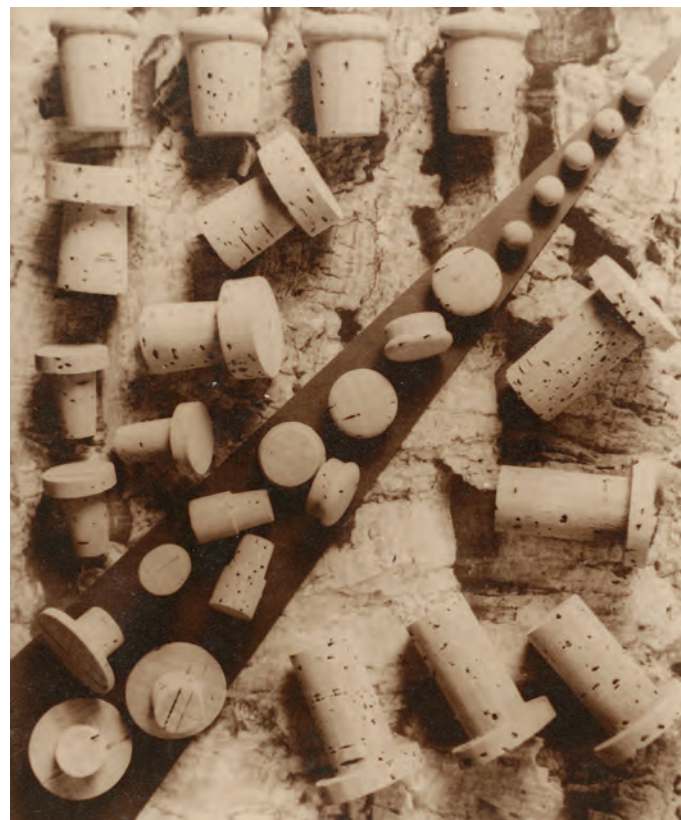
Rolhas regulares e pontudos



A rolha de cortiça, um produto de excelência para a qualidade do vinho engarrafado, distingue-se como um dos produtos corticeiros mais vendidos.

Entre as décadas de 30 e de 50 do séc. XX, a análise comparativa dos dados disponíveis no Fundo Documental Mundet permitiram concluir que a participação da Mundet na exportação geral de rolhas em Portugal situou-se, em média, acima dos 15%, com oscilações marcadas pela conjuntura internacional da II Guerra Mundial que afetaram a produção e exportação dos produtos da fileira da cortiça.

Foto: © Fundo Documental Mundet.



A Mundet produziu vedantes de vários tipos e com diversas aplicações, entre os quais se distinguiram as rolhas destinadas aos produtos farmacêuticos e para frascos de perfume.

Foto: © Fundo Documental Mundet.

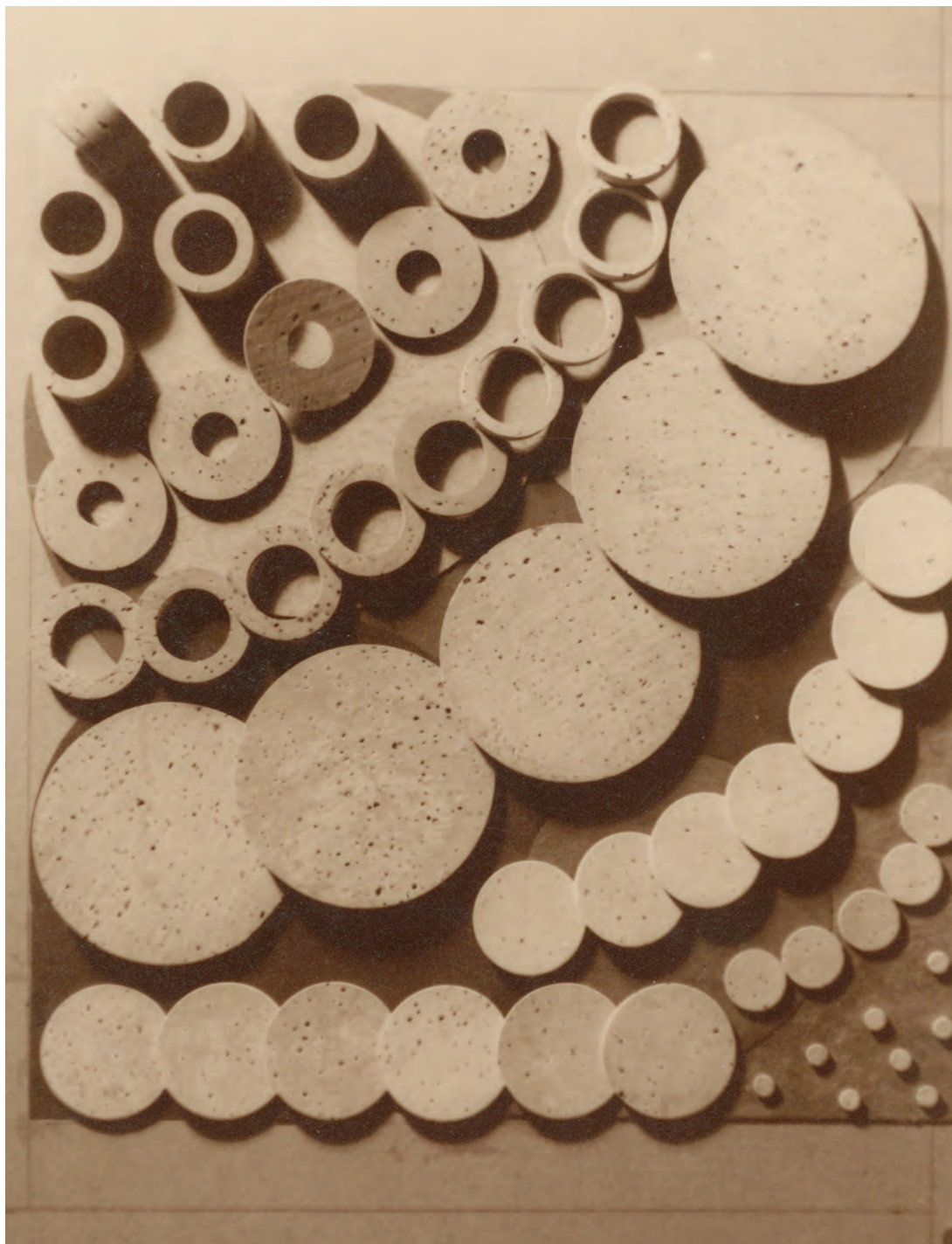
Rolhas de champanhe



A Mundet fabricou diversos tipos de rolha de cortiça natural destinada ao engarrafamento de vinhos espumantes e gaseificados que se distinguiram pelo seu processo de fabrico, que envolvia a colagem de duas ou mais peças de cortiça natural, de modo que o gás ficasse retido dentro da garrafa. Mais tarde, no fabrico deste tipo de rolha, passou-se a fabricar uma rolha de cortiça aglomerada com discos de cortiça natural, composição que ainda caracteriza as atuais rolhas de champanhe.

Foto: © Fundo Documental Mundet.

Discos de cortiça



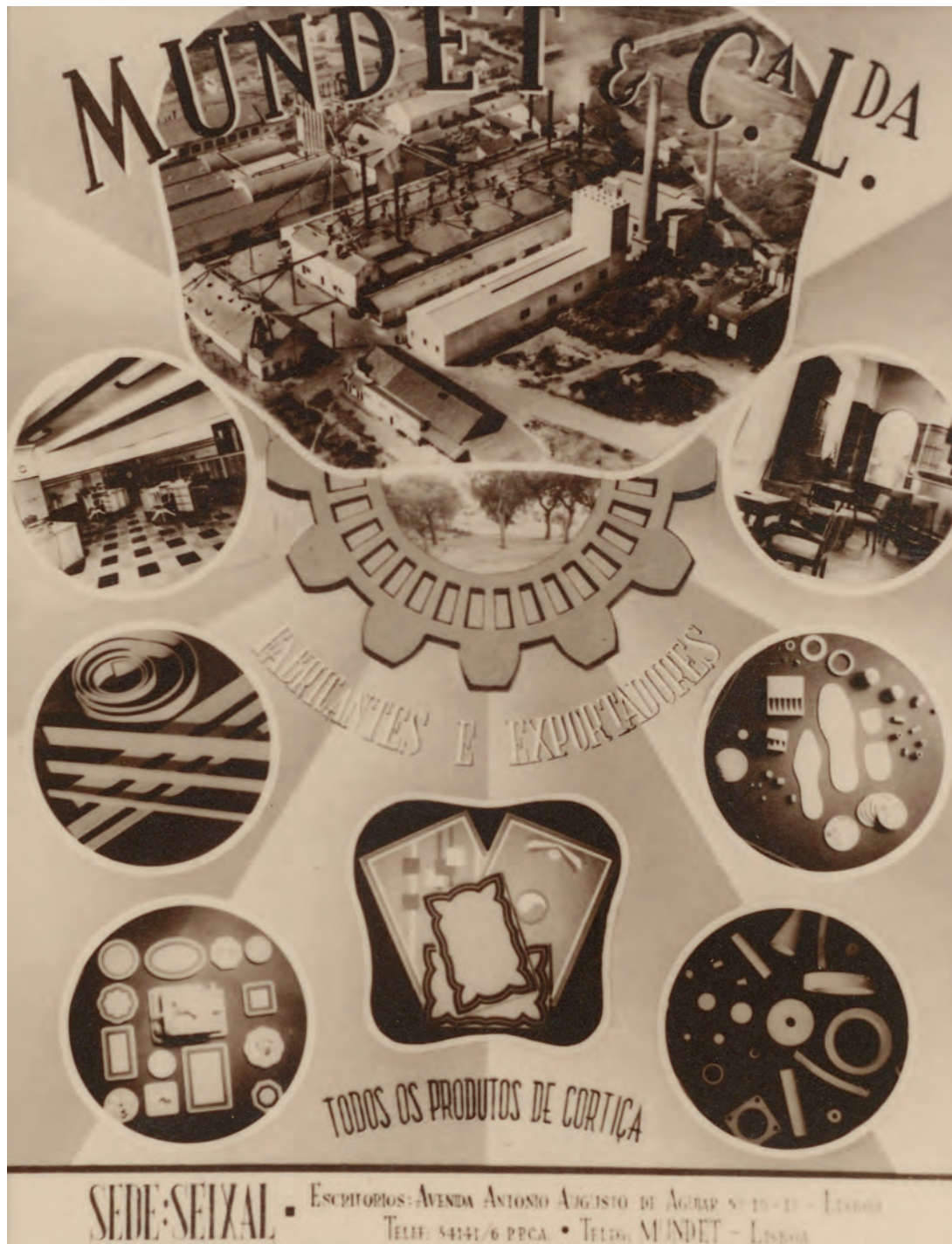
Os discos de cortiça – peças circulares de diâmetros e espessuras variáveis – surgiram no princípio do séc. XX e serviam para revestir o interior das tampas metálicas denominadas cápsulas coroa (vulgarmente designadas por «caricas») utilizadas em garrafas de cerveja, águas minerais, refrigerantes, entre outros.

A partir do produto acabado, os discos podiam ainda ser perfurados e transformados em anilhas de especialidade, utilizadas como vedantes de frascos e garrafas.

A partir de meados do século XX, os discos de cortiça natural sofreram a concorrência dos discos de cortiça aglomerada, de qualidade mais homogénea e vendidos a um preço mais baixo.

Foto: © Fundo Documental Mundet.

Indústria de transformação: a cortiça aglomerada e as suas aplicações



Publicidade da Mundet às aplicações da cortiça aglomerada produzida na fábrica da Mundet, no Montijo. Além da fábrica de aglomerados que fundou no concelho do Montijo, a Mundet participou na Isola – Sociedade Comercial de Isolamentos de Cortiça, Lda. (1953), empresa que reuniu os seis principais fabricantes de aglomerado negro de cortiça à época em Portugal. A participação na Isola assegurava aos seus sócios a colocação do aglomerado negro no mercado a um preço competitivo, uma vez que aquela sociedade regularizava e disciplinava a produção das várias fábricas que integravam o consórcio, de harmonia com as necessidades, evitando a concorrência desregulada entre elas.

Foto: © Fundo Documental Mundet.

1. A história da empresa corticeira Mundet & C.ª, Lda



Publicidade da Mundet apresentada em calendários da empresa, impressa numa pequena folha de papel de cortiça.

No âmbito do aglomerado composto, distingue-se o fabrico de discos e rolhas, solas, palmilhas e boias, além das juntas de motores.

Depois da década de 1930, o leque de produtos da marca comercial *Jointite* (destinada à produção de materiais de construção)

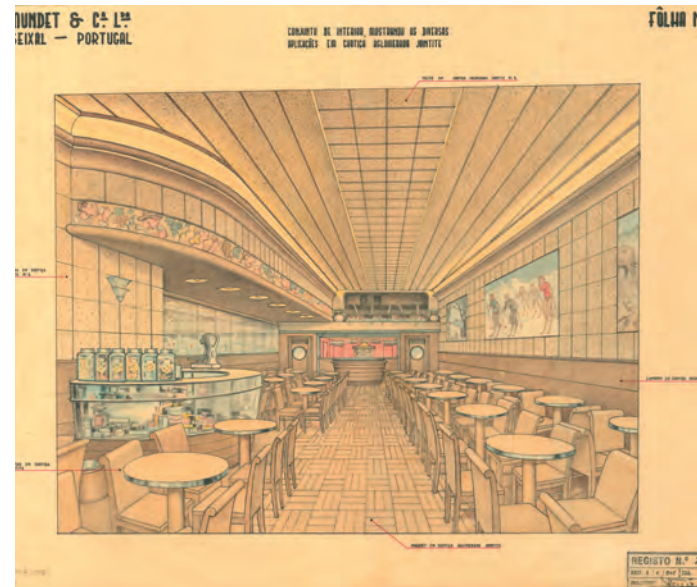
alargou-se aos ladrilhos e lambris, aos rodapés e focinhos para degraus de escadas.

A Mundet & C.ª Lda. produzia ainda blocos de aglomerados puros expandidos (vulgarmente conhecido por aglomerado negro) de três tipos: térmico, acústico e vibrático, produzindo também aglomerado para isolamento de tubagens em formato de meia-cana.

Documento cedido por Edgar Rendeiro.

O *Jointite* foi utilizado em pavimentos, paredes, lambris, sancas e tetos, e ainda no revestimento de mobiliário e de outros elementos decorativos. Esta gama de produtos aglomerados – com fins decorativos e de isolamento térmico e acústico – teve uma ampla aplicação em estabelecimentos comerciais e hoteleiros, navios de passageiros, cinemas e teatros, entre outros.

Entre o vasto conjunto de desenhos técnicos para a marca de produtos *Jointite* que integram o acervo do Ecomuseu Municipal, destacam-se os estudos de revestimento de interiores, alguns a remeter para projetos a aplicar em locais específicos, como é o caso do Café Monteneve, na Guarda.



Projeto e fotografia da obra concluída do Café Monteneve, na Guarda.

Foto e documento: © Fundo Documental Mundet.

Indústria de transformação: os decorativos

Papel de cortiça

A fábrica da Mundet, no Seixal, iniciou a produção deste produto em 1915, visando a aplicação do papel de cortiça no revestimento dos filtros dos cigarros. Esta unidade fabril chegou a exportar anualmente cerca de 20 milhões de quilómetros de papel de cortiça em bobinas para os filtros dos cigarros. Como evidenciava a publicidade da Mundet, as fitas de papel de cortiça que enchiam as bobines produzidas pela empresa podiam dar 500 voltas ao mundo!

A partir de meados de 1950, com a concorrência de substitutos a este produto, o papel de cortiça passou a ser utilizado em múltiplas cores, padrões e texturas, um produto decorativo para o revestimento de paredes, passando a identificar-se sob a marca comercial *Corkskin*. Mais tarde, a fábrica começou a produzir e a comercializar produtos têxteis, com aplicações de folhas de cortiça laminada, com a marca *Mundetex*.



Considerado como um dos produtos mais delicados e prestigiosos de todos os que são feitos a partir desta matéria-prima de aplicação tão variada, o papel de cortiça é uma folha laminada de cortiça de espessura inferior a 0,1 mm, podendo chegar a 1/17 milímetros, o que significa que de uma placa de cortiça com 1 mm de espessura se chegam a tirar 17 folhas de papel.

Fotos: © António Silva, 2001.

1.8. Da desarticulação da organização internacional do negócio Mundet à desativação da Mundet & C.^a, Lda., em Portugal

Num quadro internacional marcado pela substituição da cortiça por sucedâneos (plásticos, entre outros materiais, vendidos a mais baixo custo do que os produtos corticeiros) e passando-se a evidenciar a diminuição da procura internacional dos produtos corticeiros, deixou de ser proveitosa a distância geográfica entre o centro produtor de cortiça, em Portugal, e as fábricas de transformação corticeira que a Mundet detinha em regiões não produtoras de matéria-prima.

Dependendo quase exclusivamente do mercado externo – afetado pela conjuntura da Guerra da Coreia (1950-1953) – para o escoamento dos seus produtos,

o contexto de crise na indústria corticeira de meados do séc. XX e a quase paralisação nos negócios levaram a gerência da Mundet a reduzir cerca de 500 postos de trabalho, o que se irá refletir em todas as suas unidades fabris.

Esta situação de crise foi agravada pelo falecimento de Joseph Mundet Jr., em 1962, que veio precipitar a venda da Mundet Cork Corporation (adquirida pela Crown Cork & Seal Company, Inc., Baltimore – EUA) e a desarticulação da organização internacional do negócio Mundet. Este foi um momento decisivo e um ponto de viragem na gestão e na organização da Mundet & C.^a, Lda., dando-se início a uma nova etapa na história da empresa que passa a ter como principal sócia a viúva de Joseph Mundet Jr., Paula Mundet.



Paula Mundet (1919-1986) e Joseph Mundet Jr. (1913-1962), em prova de automóvel no Rallye de Lisboa (1955?).

Joseph Mundet Jr. foi, a partir de 1938, o principal acionista e um dos gerentes da empresa, tendo sido ainda um dos principais impulsionadores da obra social e da vertente desportiva da firma, no Seixal.

Foto cedida por Joel Calqueiro.

1. A história da empresa corticeira Mundet & C.ª, Lda

Apesar da continuidade da representação familiar, este período da história da empresa é marcado pela entrada de um maior número de sócios externos à família na empresa.

Após a venda da Mundet Cork Corporation, seu principal cliente de cortiça preparada e durante décadas o ponto de apoio da Mundet & C.ª, Lda. na promoção internacional dos seus produtos, a desativação do sistema de unidades preparadoras e transformadoras em Portugal tornou-se irreversível e levou ao encerramento, nos anos 1960, das fábricas de Mora, de Ponte de Sor e de Amora (concelho do Seixal).

No início da década de 1970, a empresa debatia-se com um sério problema de falta de rentabilidade, devido à manutenção do fabrico tradicional de produtos, ao elevado número de trabalhadores empregues nas diversas fases do processo produtivo e à baixa competitividade no mercado internacional. Esta situação foi agravada pela escassez de encomendas e consequente falta de trabalho nas oficinas.

A necessidade de se resolver os problemas de gestão da empresa, de se salvaguardar o pagamento das dívidas e encontrando-se em risco os seus postos de trabalho, bem como a sobrevivência da própria Mundet, conduziram à intervenção dos trabalhadores na empresa, em 31 de maio de 1974. No ano seguinte, uma recém-formada comissão administrativa da empresa, com o apoio das comissões de trabalhadores da Mundet e contando com um representante do Estado, nomeado pelo conselho de ministros, passa a gerir os destinos da empresa.

A partir da tomada da empresa pelos trabalhadores, em 31 de maio de 1974, até ao encerramento da atividade da fábrica-sede da empresa no Seixal, em 1988, a participação dos trabalhadores na gestão foi assegurada através da eleição democrática dos seus representantes – quer da fábrica do Seixal, quer da unidade industrial do Montijo – na constituição das várias comissões de trabalhadores.

Documento cedido por Edgar Rendeiro.



Procurando aumentar a capacidade de produção, tornava-se prioritário normalizar o fornecimento de matéria-prima de boa qualidade, repor os stocks de cortiças, atualizar métodos de fabricação de produtos, adquirir novos equipamentos, regularizar a satisfação de encomendas, centralizar serviços e renovar os quadros da empresa. Os primeiros sintomas de recuperação da empresa datam de meados de 1975, na sequência de grandes encomendas recebidas de países socialistas, que vieram dar novo ânimo à empresa e movimentação de trabalho às oficinas.

Considerando os sinais de recuperação económica, a Resolução do Conselho de Ministros N.º 239/77, de 15 de setembro, determinou a cessação da intervenção do Estado na empresa e a restituição desta aos seus titulares. Contudo, com a desintervenção, a situação financeira da empresa começou progressivamente a degradar-se devido ao acumular de dívidas, entre outras dificuldades, o que conduziu ao encerramento, em 1988, das fábricas da Mundet em Portugal (Seixal e Montijo) e da fábrica em Croydon, Surrey – Inglaterra da Mundet Cork Products Ltd. (firma em que a empresa portuguesa era sócia maioritária) e, passados cinco anos, à declaração de falência da Mundet & C.ª, Lda.



Anúncio do leilão da fábrica e das respetivas existências, afixado na porta de um dos edifícios da fábrica do Seixal.

Foto: © Rosa Reis [s.d.].



Manifestação dos trabalhadores da Mundet em defesa dos seus postos de trabalho através da aprovação governamental e da implementação do contrato de viabilização da empresa, o que nunca chegou a concretizar-se.

Foto: © Autor desconhecido [s.d.].

2. O Núcleo da Mundet do Ecomuseu Municipal do Seixal

Reconhecendo o interesse histórico e cultural em presença e a ligação da comunidade local ao sítio e à fábrica, em 1996 a Câmara Municipal do Seixal desencadeou o processo da sua aquisição – o que, na sequência da realização de hasta pública, se veio a formalizar com a celebração de escritura

de compra da propriedade no ano seguinte – e tomou a iniciativa de proteger e preservar este sítio industrial. A titularidade, pela autarquia, abrangeu quer os imóveis e respetivos equipamentos integrados, as máquinas e ferramentas, quer o espólio documental remanescente do arquivo empresarial presente na fábrica.



Fotografia aérea da fábrica, apresentando na sua fachada a faixa «A Mundet é nossa», colocada pela Câmara Municipal do Seixal logo após a sua aquisição pública, no primeiro trimestre de 1997.

Foto: © António Silva, 1997.

2. O Núcleo da Mundet do Ecomuseu Municipal do Seixal

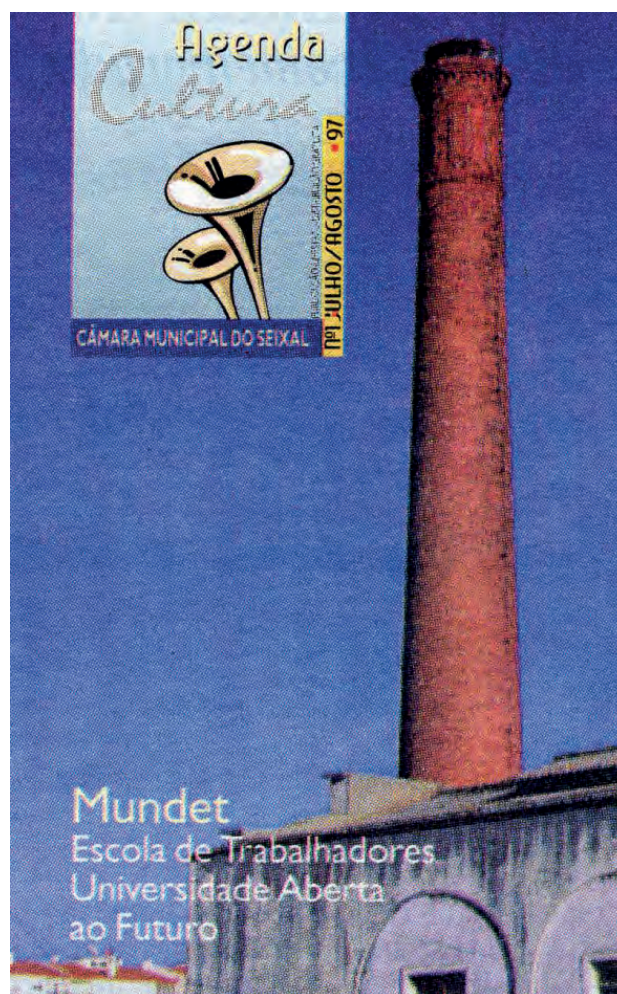
Considerada a sua localização estratégica no território concelhio e o valor histórico, patrimonial e urbanístico do conjunto e visando o desenvolvimento de um plano estratégico de valorização do património e da paisagem industrial que servisse a população e o desenvolvimento local sustentado, previa-se a requalificação e reconversão de espaços industriais e a constituição de uma unidade museológica de temática corticeira para salvaguarda do património industrial da fábrica.

A pertinência de um projeto de musealização ligado à cortiça, assente no património daquela

unidade industrial, fundamentou-se desde logo na relevância que a indústria corticeira tivera na industrialização do concelho e, neste âmbito, na projeção particular da Mundet no contexto da paisagem urbana e do meio social em que se integrou. O projeto alicerçou-se ainda no profundo sentimento de identificação e de orgulho dos antigos trabalhadores pelo seu passado corticeiro e por terem feito parte da maior fábrica corticeira da região e de uma empresa de prestígio internacional, que marcou o quotidiano de várias gerações e o desenvolvimento sociocultural e económico da comunidade local.



Cartaz do 15.º aniversário do Ecomuseu Municipal do Seixal (1997), assumido como tema de fundo a aquisição pública da fábrica Mundet.



Cartaz de divulgação da iniciativa de apresentação da «Agenda Cultural» municipal, lançada em 20 de junho de 1997 no edifício das Caldeiras Babcock & Wilcox (*Seixal Boletim Municipal*, n.º 233, 20.06.1997, p.18).

Do sítio industrial e da sua inserção na envolvente e na paisagem, da quantidade e diversidade de espólio, da singularidade de alguns contextos técnicos e da existência de fontes – incluindo o fundo documental e o arquivo empresarial – significativas em diversas vertentes da história da indústria e das técnicas corticeiras, emergiu a necessidade de preservar e de valorizar alguns desses bens culturais, globalmente designados por património industrial: a paisagem, os edifícios, as máquinas, as ferramentas e os outros instrumentos de trabalho, as técnicas e saberes, as memórias dos trabalhadores e da vida da empresa.

A antiga fábrica tornou-se objeto de um projeto de musealização promovido pela Câmara Municipal do Seixal, constituindo-se, a partir de 1998, num dos núcleos do Ecomuseu Municipal do Seixal: o Núcleo da Mundet.

O Núcleo da Mundet do Ecomuseu Municipal do Seixal tem por objetivos:

- a divulgação da história e a transmissão das memórias da antiga fábrica, do núcleo urbano antigo do Seixal e das comunidades do concelho e da região;
- a preservação, o estudo, a interpretação e a comunicação do património industrial, nomeadamente do acervo incorporado e museologicamente gerido;
- a promoção e a valorização do universo da cortiça na atualidade, nos contextos nacional e internacional, no sentido de alargar o espectro de públicos motivados para o conhecimento das suas realidades e do património cultural corticeiro.

O Ecomuseu Municipal do Seixal integrou este projeto no seu plano estratégico e na sua programação museológica. Tendo em conta a investigação e estudos entretanto desenvolvidos pela equipa e, conseqüentemente, o aprofundamento do conhecimento adquirido sobre o sítio, considerando ainda a sua inserção urbana,

ambiental e social, no processo de patrimonialização e no âmbito da integração parcial do sítio na estrutura museológica municipal, entendeu-se que a musealização respeitaria o contexto e o estado de conservação dos meios de trabalho nas diversas oficinas. Contudo, no decorrer do processo de musealização do sítio, devido a vicissitudes várias e no que respeita a alguns casos específicos, reconheceu-se a inevitabilidade de deslocalização de alguns testemunhos do seu contexto original.

O projeto de musealização consagrou ainda a preservação das memórias operárias (testemunhos que recaíram, sobretudo, no funcionamento das cadeias operatórias e do sistema produtivo instalado nas várias oficinas) e a valorização integrada do património imaterial e material.



Ao longo do período de atividade da fábrica, foram vários os momentos em que os seus trabalhadores se manifestaram contra as condições adversas da época. Após a sua aquisição, a fachada ribeirinha da fábrica foi revestida por telas decorativas que evocaram o 25 de Abril e os trabalhadores da Mundet.

Foto: © Fátima Veríssimo, 2000.

2. O Núcleo da Mundet do Ecomuseu Municipal do Seixal

O Núcleo da Mundet do Ecomuseu Municipal do Seixal é atualmente constituído pelos seguintes edifícios:

Edifício dos Serviços Centrais do Ecomuseu Municipal do Seixal

Construído em 1943, segundo o projeto arquitetónico de Hermínio Lopes Castilho, esta antiga casa de infância recebia filhos de operários da fábrica em idade pré-escolar, aos quais proporcionava condições de bem-estar, segurança e saúde, a par do desenvolvimento de atividades lúdicas e educativas.

Após o encerramento da casa de infância, em 1965, são (de Lisboa) para aqui transferidos os escritórios de administração e serviços comerciais da empresa, funções que o edifício manteve até ao encerramento da fábrica. Em 2006, após obras de reabilitação do edifício, são aqui instalados os serviços centrais do Ecomuseu Municipal do Seixal, entre os quais destacamos os serviços de investigação e programação, o centro de documentação e informação, o serviço educativo e o serviço de apoio logístico e administrativo.



Foto: © António Silva, 2006.

Edifício das Caldeiras *Babcock & Wilcox*

Imóvel projetado por Luís de Almeida e Artur Silva e edificado em 1952 como central térmica, função que deteve durante cerca de quatro décadas, mediante a instalação de duas caldeiras geradoras de vapor da marca *Babcock & Wilcox*.

Afirmando-se como uma unidade de certa forma centralizada na malha de espaços oficinais e salientando-se o seu papel de distribuir vapor por toda a fábrica, a este edifício foi atribuído particular importância no projeto de musealização.

Desde 1998, este edifício apresenta-se como área expositiva do Núcleo da Mundet do Ecomuseu Municipal do Seixal.



Foto: © António Silva, 2000.



Foto: © Nelson Cruz, 2011.



Foto: © Nelson Cruz, 2011.



Foto: © Rosa Reis, 2000.

2. O Núcleo da Mundet do Ecomuseu Municipal do Seixal

Edifício das Caldeiras de Cozer

No funcionamento geral da fábrica, este edifício integrou-se no sector da prancha, no qual era preparada a cortiça para as diferentes fabricações. Era nas suas quatro caldeiras, ou tanques, que se procedia à segunda cozedura da cortiça.

As caldeiras, em tijolo refratário, foram construídas em 1942, sob orientação técnica e segundo desenho do engenheiro catalão Telmo Trill Cals, com a colaboração do desenhador da firma Luís Almeida. O vapor, proveniente da central

térmica, era introduzido na água das caldeiras, provocando o seu aquecimento até cerca de 80º centígrados.

No mesmo edifício foram introduzidos, na década de 50, três autoclaves que mais tarde foram ligados ao funcionamento da vizinha oficina do champanha.

Desde 2000, este imóvel, em relação direta com o edifício das caldeiras *Babcock & Wilcox*, foi adaptado a área expositiva do Núcleo da Mundet relacionada com o tema da cortiça e com a indústria de preparação corticeira.



Foto: © António Silva, 2006.

Oficina de Rebaixar

Esta oficina integra um importante conjunto de património técnico e industrial, associado às memórias do trabalho e do saber-fazer ligados sobretudo à produção de rolha, que se pretende preservar e valorizar.

A operação de rebaixar a rolha é uma das fases intermédias do seu processo de fabrico. Através dele é possível alterar a forma cilíndrica da rolha, adequando-a a funções específicas ou reduzindo-a a tamanhos, por vezes, ínfimos.



Foto: © António Silva, 2019.

A instalação da Oficina de Rebaixar, associada ao desenvolvimento de outras secções da mesma época, insere-se num esforço de renovação e expansão da fábrica, empreendido pela Mundet no início da década de 1940.

Recentemente reabilitado e conservado tendo em vista o seu aproveitamento museológico, o programa para este espaço visa melhorar as condições de acolhimento de públicos e a oferta de serviços culturais de qualidade à população e aos restantes visitantes do Núcleo da Mundet.



Foto: © Rosa Reis, 1998.

2. O Núcleo da Mundet do Ecomuseu Municipal do Seixal

Oficina de Rolhas de Champanhe Aglomerado

Em meados dos anos 1930, a construção deste edifício destinava-se à instalação de uma caldeira geradora de vapor *Babcock & Wilcox*, a qual funcionava em complementaridade com uma máquina a vapor e alternador (instalados em imóvel próximo), para abastecimento de energia e iluminação elétrica à fábrica.

A partir da década de 1950, é desativada a central termoelétrica de serviço privativo. No espaço são introduzidas três máquinas extrusoras para produção de bastões de aglomerado de cortiça, destinados à produção de rolhas para champanhe.

Recentemente reabilitado e conservado, pretende-se que este imóvel seja utilizado pelo Serviço Educativo do Ecomuseu Municipal do Seixal no âmbito da dinamização cultural e educativa de atividades destinadas a um leque variado de públicos, procurando consciencializar os visitantes para a conservação, o estudo e a difusão do património industrial corticeiro para fins lúdicos e recreativos.

A par de outras formas de fruição do sítio industrial, o projeto da Câmara Municipal do Seixal para este espaço visa ainda a criação de uma área qualificada para futura instalação das reservas do acervo museológico municipal em parte das instalações oficiais da antiga fábrica.



Foto: © António Silva, 2019.

3. O Núcleo da Mundet como recurso patrimonial e fator de desenvolvimento sociocultural



Parte do sítio industrial e o acervo museológico constituído a partir do espólio da empresa potencializam a Mundet como centro patrimonial e museológico dedicado à fábrica e à indústria corticeira.

A preservação, a valorização e a progressiva divulgação do espólio da Mundet localizado no Seixal, tanto arquitetónico, como técnico e documental, pretendeu não só colocar à disposição dos investigadores importantes fontes de estudo, como proporcionar a fruição pública de um vasto património técnico-industrial que, ilustrando praticamente todos os sectores do universo corticeiro, o contextualizam historicamente.



O Núcleo da Mundet é formado por alguns dos edifícios, infraestruturas, maquinaria e outros objetos da antiga fábrica de produtos corticeiros, visando documentar a atividade industrial e as tecnologias aplicadas à indústria corticeira desde 1905 até 1988. Tendo por base o acervo museológico municipal reportado à história da empresa e à cortiça, o Ecomuseu Municipal do Seixal tem vindo a promover a programação e a apresentação de diversas exposições temporárias, algumas de longa duração.



Exposição (em cima) A Cortiça na Fábrica: a Preparação (2007-2020)
A oficina destinada ao cozimento da cortiça e ao património industrial aí conservado permite aos visitantes conhecer os procedimentos de preparação industrial da cortiça.

Foto: © António Silva, 2008.

Exposição (ao centro e em baixo) Cortiça ao Milímetro (2010-2020)
Com base no acervo incorporado proveniente da fábrica da Mundet, no Seixal, esta exposição apresentava uma das suas especialidades de referência – o papel de cortiça da Mundet, produzido entre 1915 e 1988.

Fotos: © Nelson Cruz, 2011.

3. O Núcleo da Mundet como recurso patrimonial e fator de desenvolvimento sociocultural



Exposição Água, Fogo, Ar, Cortiça (2000-2003). Esta exposição visou conciliar a apresentação de alguns testemunhos relevantes da história da Mundet e da sua importância na indústria corticeira ao longo do séc. XX, com a interpretação funcional do edifício das Caldeiras *Babcock & Wilcox* e do espaço industrial envolvente.

Foto: © Rosa Reis, 2002



Exposição Do Montado à Fábrica: Fotografias de Júlio Pereira Dinis (2001-2002).

Exposição de fotografias sobre o tema da cortiça, pertencente ao acervo do Ecomuseu Municipal. Nesta iniciativa, teve especial relevo a ligação entre a produção e a extração da cortiça nas áreas de montado, e a sua transformação em meio fabril, com destaque para o contexto industrial a sul do Tejo.

Foto: © Rosa Reis, 2001



Exposição Desporto na Mundet: Uma Tradição Renovada (2016). Partindo da história do Grupo Desportivo da Mundet e das iniciativas promovidas pelos seus trabalhadores em prol do desporto, da cultura e do lazer, que contaram com o envolvimento da comunidade local, a exposição apresentou ainda alguns exemplos da aplicação da cortiça no mundo do desporto em meados do séc. XX, demonstrando que várias esferas utilizadas nas modalidades desportivas tinham o seu núcleo em cortiça.

Foto: © Luís Miguel Martins, 2016.



Grupo de antigos atletas do Grupo Desportivo Mundet na exposição Desporto na Mundet: Uma Tradição Renovada (2016).

Foto: © Luís Miguel Martins, 2016.



Exposição Joaquim Vieira Natividade. Uma Vida com a Cortiça (2007).

Evocando aquele que é considerado o fundador da subericultura científica, em 2007, o Ecomuseu Municipal, em colaboração com a Estação Florestal Nacional (Oeiras), apresentou a exposição temporária Joaquim Vieira Natividade, Uma Vida com a Cortiça (1899-1968).

Esta iniciativa foi complementada por um ciclo de visitas acompanhadas por especialistas e investigadores do sobreiro e da cortiça.

Fotos: (esquerda) © Carlos Carrasco e (direita) © Rosa Reis, 2007.



3. O Núcleo da Mundet como recurso patrimonial e fator de desenvolvimento sociocultural

Trabalhar com o património industrial corticeiro – promovendo o seu estudo, conservação, valorização e difusão – e com as memórias que lhe estão associadas, integrando públicos diversificados, de vários níveis etários, possibilita a compreensão do presente e concorre para o desenvolvimento de uma consciência cívica e de valores de cidadania, contribuindo para a fruição do património, para a construção

e afirmação identitária das novas gerações e para o desenvolvimento sustentado do concelho.

Os diversos públicos que visitam o Núcleo da Mundet (entre 2000 e 2010, o núcleo contou com mais de 32 500 visitantes) e, em especial, a comunidade educativa local são convidados a fruir este património material e imaterial e a utilizar criativamente este recurso.



Folha promocional da iniciativa de descorticação de sobreiro na Mundet (2011).



Fotos: © Luís Miguel Martins, 2011.



Ateliê Descobertas Matemáticas na Mundet.

No plano da programação de mediação cultural do Ecomuseu Municipal, em que o património industrial corticeiro ocupa um lugar de destaque, têm-se vindo a desenvolver projetos e ações que se articulam com o plano de exposições e com os diversos recursos museais, assentes no trabalho de investigação e na produção de conhecimento científico levado a cabo pela equipa do Ecomuseu Municipal.

Promove-se, assim, uma importante vertente de comunicação do museu com os diversos públicos e de interpretação e valorização do património material e imaterial corticeiro, em articulação com as necessidades de professores e alunos das escolas do concelho e de públicos-alvo privilegiados.

Foto: © Carla Costa, 2003.



Ateliê Descobertas Matemáticas na Mundet.

Os ateliês Descobertas Matemáticas na Mundet visam explorar os diferentes espaços e os recursos museológicos da antiga fábrica de cortiça Mundet, através da realização de várias atividades matemáticas, de forma lúdica e descontraída, dando a conhecer aos jovens participantes as características e o universo da cortiça.

Fotos: (direita) © Carla Costa, 2003, (esquerda) © António Silva, 2000.

3. O Núcleo da Mundet como recurso patrimonial e fator de desenvolvimento sociocultural



Ateliê O Ratinho da Cortiça.

As visitas temáticas O Ratinho de Cortiça procuram explorar de uma forma lúdica o tema da cortiça, a sua transformação e aplicações, recorrendo a várias atividades dinamizadas a partir da história de um ratinho de cortiça.

Foto: © Ana Isabel Apolinário, 2007.



Visita temática Avós, Contem-me Uma História.

Iniciativa que contou com a participação de elementos da comunidade local que, com recurso à dramatização, procuraram transmitir memórias e vivências ligadas à cortiça e à antiga fábrica às crianças.

Foto: © Carla Costa, 2007.



Ateliês sobre o sobreiro e a cortiça.

Através da realização de visitas temáticas, de oficinas, de ateliês e de atividades lúdicas, entre outras iniciativas, pretende-se não só comunicar e dar a conhecer aos públicos de várias gerações o património técnico e industrial ligado à Mundet e ao universo corticeiro, tanto do ponto de vista histórico, como sob a perspetiva da sua importância ambiental, económica, tecnológica e social.

Simultaneamente, interagindo com públicos infantis e juvenis de uma forma dinâmica, visa-se contribuir para a sua construção e afirmação identitária e para o reforço do sentimento de pertença à comunidade municipal

Fotos: (em cima à esquerda) © António Silva 2007, (em cima e em baixo à direita) © Carla Costa 2009, (em baixo à esquerda) © Carla Costa 2003.

3. O Núcleo da Mundet como recurso patrimonial e fator de desenvolvimento sociocultural



Visitas temáticas às exposições.

No espaço onde se produzia e a partir do qual era distribuído o vapor para a fábrica – o Edifício das Caldeiras *Babcock & Wilcox* –, aplicado em diversos equipamentos industriais e de apoio aos trabalhadores, o espaço e o património industrial aí conservado são interpretados e relacionados com o funcionamento das outras secções da fábrica, permitindo aos visitantes conhecer a função do edifício e a importância do vapor na fábrica.

Este edifício é ainda utilizado para a apresentação de exposições temporárias sobre as características e as aplicações da cortiça.

Fotos: (esquerda em cima e em baixo) © Nelson Cruz, 2011,

(em cima à direita) © Carla Costa, 2009



Visitas temáticas às exposições. A exposição Circuito Museológico Industrial – Entre Documentar o Passado e Projetar o Futuro (2005), a par do núcleo expositivo de interpretação do próprio espaço museológico e do equipamento ali conservado e que por décadas produziu o vapor necessário para a fábrica, visou apresentar aos visitantes os vários recursos de património industrial existentes no território concelhio. Foto: © Rosa Reis, 2000.



Visitas temáticas às exposições. Outro segmento da mediação cultural do Ecomuseu Municipal diz respeito à oferta de atividades para famílias, proporcionando momentos lúdicos de aprendizagem informal, de modo que – através da exploração de algumas características da cortiça e do património industrial corticeiro – se estabeleçam relações que contribuam para a transmissão de memórias coletivas no concelho do Seixal. Foto: © Rosa Reis, 2006.

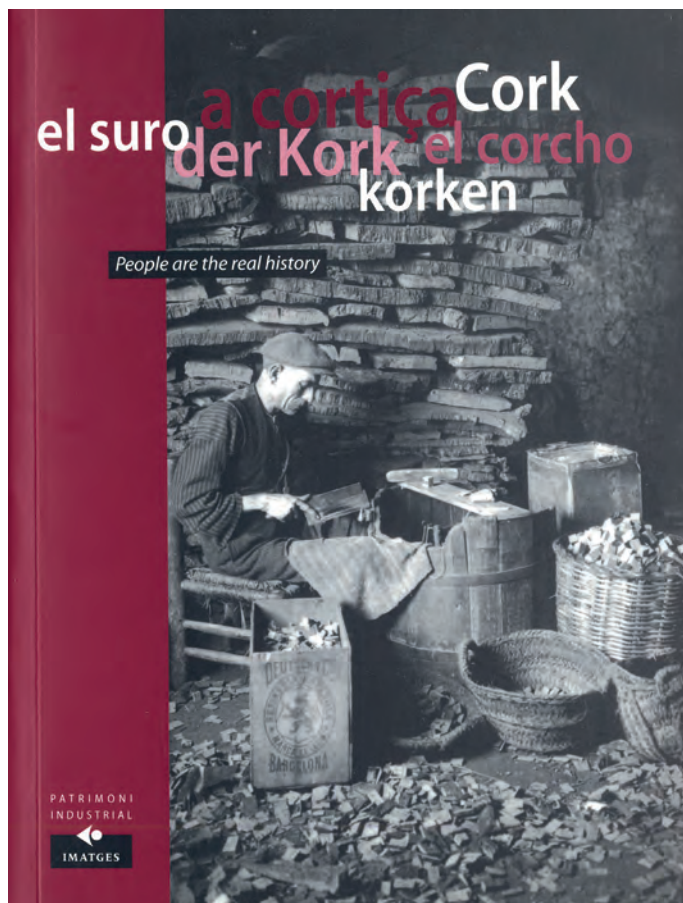
4. Bibliografia e outras fontes

Dois encontros internacionais realizados no Seixal, em 2000 e 2010, contribuíram para o desenvolvimento da investigação sobre os universos culturais corticeiros e assinalaram o diálogo e a partilha entre especialistas nacionais e estrangeiros, contando ainda com a representação de diversos museus e projetos museológicos relacionados com a atividade técnica e industrial.

O primeiro – a conferência internacional Cortiça, Património Industrial e Museologia –, organizado pela Câmara Municipal do Seixal, contou com a parceria de diversas instituições, entre as quais destacamos

o Comité Internacional para a Conservação do Património Industrial, com atas publicadas em CD.

O encontro Património Cultural, a Cortiça e os Museus, organizado em colaboração entre o Município do Seixal e a RETECORK – Rede Europeia de Territórios Corticeiros, apresentou alguns museus, entre outras iniciativas culturais ligadas ao universo da cortiça em Portugal, Espanha e França, e promoveu o diálogo sobre as dificuldades da fileira da cortiça no âmbito da salvaguarda, conservação, valorização e divulgação do património industrial corticeiro.

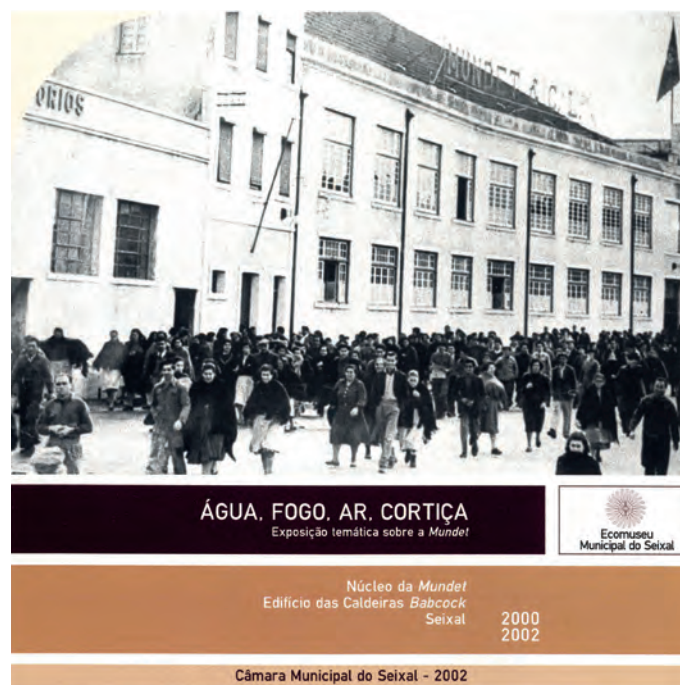
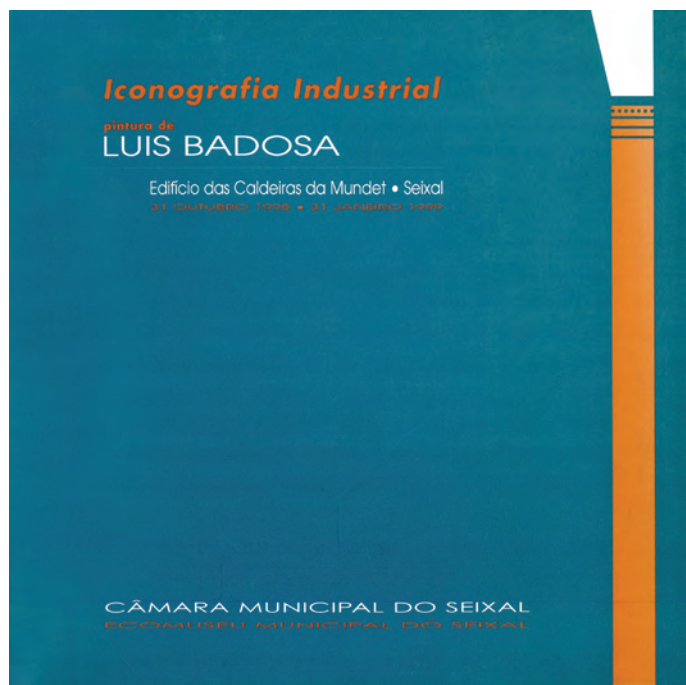
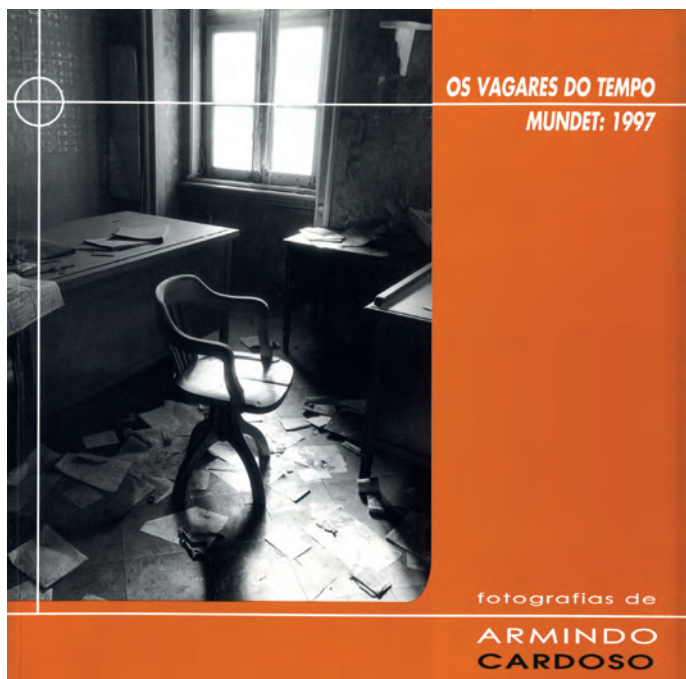


Entre 2000 e 2001, o Ecomuseu Municipal do Seixal integrou o projeto People Are the Real History, coordenado pelo Centro de Estudos e Difusão do Património Industrial da Catalunha (CEDPI) e parcialmente subvencionado pela Comissão Europeia no âmbito do Programa Raphaël, consolidando a colaboração, no que respeita à temática corticeira, entre o Ecomuseu Municipal do Seixal e o Museu del Suro de Palafrugell (Catalunha, Espanha) do qual resultou a publicação *Cortiça*.

4. Bibliografia e outras fontes

O Ecomuseu Municipal do Seixal tem vindo a promover a programação e a apresentação de diversas exposições

temporárias, das quais têm resultado diversos catálogos, além da publicação de duas monografias.





Publicações da Câmara Municipal do Seixal sobre os temas da cortiça e da Mundet.

4. Bibliografia e outras fontes

Destacam-se ainda as publicações de artigos em atas de outros encontros científicos, em revistas e monografias da especialidade.

Bibliografia

[Câmara Municipal do Seixal/Ecomuseu Municipal do Seixal] (1998), *Iconografia Industrial: Pinturas de Luis Badosa*, Seixal, Câmara Municipal do Seixal, Ecomuseu Municipal do Seixal.

[Câmara Municipal do Seixal/Ecomuseu Municipal do Seixal] (2007), *Joaquim Vieira Natividade: Uma Vida com a Cortiça: Exposição*, material gráfico, Seixal, Câmara Municipal do Seixal, Ecomuseu Municipal do Seixal.

[Câmara Municipal do Seixal/Ecomuseu Municipal do Seixal] (2008), *Cortiça ao Milímetro*, material gráfico, exposição temporária.

[Ecomuseu Municipal do Seixal] (1997), «Sabia que? [Mundet]», *Ecomuseu Informação*, boletim trimestral do Ecomuseu Municipal do Seixal, [n.º 2], janeiro, p. 8.

[Ecomuseu Municipal do Seixal] (1998), «Alto de D. Ana: a mata da Mundet», *Ecomuseu Informação*, boletim trimestral do Ecomuseu Municipal do Seixal, [n.º 7], abril./maio/junho, p. 7.

[Ecomuseu Municipal do Seixal] (1999), «Refeitórios da fábrica Mundet: identidade e reutilização do espaço urbano», *Ecomuseu Informação*, boletim trimestral do Ecomuseu Municipal do Seixal, [n.º 12], julho/agosto/ setembro, p. 4-5.

[Ecomuseu Municipal do Seixal] (2000), «Creche e casa da infância da Mundet: espaços sociais e memórias da comunidade corticeira do Seixal no século XX», *Ecomuseu Informação*, boletim trimestral do Ecomuseu Municipal do Seixal, [n.º 17], outubro/novembro/ dezembro, p. 6-7.

[Ecomuseu Municipal do Seixal] (2000), «O grupo desportivo da Mundet: da cultura da empresa corticeira à tradição desportiva local», *Ecomuseu Informação*, boletim trimestral do Ecomuseu Municipal do Seixal, [n.º 15], abril/maio/junho, p. 6.

[Ecomuseu Municipal do Seixal] (2000), «Serviços de difusão sonora do Grupo Desportivo Mundet

nos anos 60», *Ecomuseu Informação*, boletim trimestral do Ecomuseu Municipal do Seixal, [n.º 17], outubro/novembro/dezembro, p. 8.

[Ecomuseu Municipal do Seixal] (2001), «Edifício das caldeiras Babcock da Mundet», *Ecomuseu Informação*, boletim trimestral do Ecomuseu Municipal do Seixal, n.º 21, outubro/novembro/dezembro, p. 8-9.

[Ecomuseu Municipal do Seixal] (2001), «Representação das principais fases da indústria corticeira por Cipriano Estrela», *Ecomuseu Informação*, boletim trimestral do Ecomuseu Municipal do Seixal, [n.º 18], janeiro/ fevereiro/março, p. 9-10.

[Ecomuseu Municipal do Seixal] (2002), «Espólio (o) museológico e a história da Corporação de Bombeiros Voluntários Privativos da Mundet», *Ecomuseu Informação*, boletim trimestral do Ecomuseu Municipal do Seixal, n.º 24 (julho/agosto/setembro, p. 14-17.

[Ecomuseu Municipal do Seixal] (2002), «Trabalhadores na Mundet: história e memória de uma comunidade corticeira», *Ecomuseu Informação*, boletim trimestral do Ecomuseu Municipal do Seixal, n.º 23, abril/maio/ junho, p. 14-16.

[Ecomuseu Municipal do Seixal] (2003), «50 (OS) [i.e. 60] anos da Casa de Infância da Mundet & C.ª Lda.» (1943-2003), *Ecomuseu Informação*, boletim trimestral do Ecomuseu Municipal do Seixal, n.º 27, abril/maio/ junho, pp. 8-11.

[Ecomuseu Municipal do Seixal] (2004), «Do quotidiano fabril aos tempos de lazer: memórias de trabalhadores da Mundet», *Ecomuseu Informação*, boletim trimestral do Ecomuseu Municipal do Seixal, n.º 32, julho/agosto/ setembro, p. 10-12.

[Ecomuseu Municipal do Seixal] (2010), Encontro Internacional Património Cultural, a Cortiça e os Museus, Seixal, 2010, *Património Cultural, a Cortiça e os Museus*, documento eletrónico, Seixal, Câmara Municipal do Seixal, Ecomuseu Municipal, CD-ROM.

Afonso, Fátima (2000), «Levantamento e identificação de unidades industriais da cortiça no concelho do Seixal: dados para a história da indústria corticeira na margem sul do estuário do Tejo», em *Conferência Internacional Cortiça, Património Industrial e Museologia*, Seixal,

documento eletrónico, multimédia. Seixal, Câmara Municipal do Seixal, Ecomuseu Municipal, CD-ROM.

Afonso, Fátima (2006), «As caldeiras dos moços da Mundet (Seixal) e o cozimento da cortiça: uma operação essencial para a transformação industrial desta matéria-prima», *Ecomuseu Informação*, boletim trimestral do Ecomuseu Municipal do Seixal, n.º 39, abril/maio/junho, p. 11-14.

Afonso, Fátima (2008), «O sítio industrial da Mundet (Seixal)», *Ecomuseu Informação*, boletim trimestral do Ecomuseu Municipal do Seixal, n.º 46, janeiro/fevereiro/março, p. 15-17.

Afonso, Fátima (2009), «O papel de cortiça da Mundet, a pele do sobreiro», *Ecomuseu Informação*, boletim trimestral do Ecomuseu Municipal do Seixal, n.º 50, janeiro/fevereiro/março, p. 12-15.

Afonso, Fátima (2010), «Seixal, território corticeiro?», *Ecomuseu Informação*, boletim trimestral do Ecomuseu Municipal do Seixal, n.º 56, julho/agosto/setembro, p. 12-15.

Afonso, Fátima (2016), «A Mundet e o acesso ao "filão da boa cortiça": o abastecimento de matéria-prima às fábricas Mundet (1905-1988), em Congresso Internacional O Montado de Sobro e a Cortiça: Uma Perspectiva Histórica e Transdisciplinar, Ponte de Sor, 2015/*El Alcornocal y el Negocio Corchero: Una Perspectiva Histórica e Interdisciplinar*, [Badajoz], Diputación de Badajoz, pp. 119-150.

Afonso, Fátima (2018), «A indústria corticeira no concelho do Seixal: história de uma das mais fortes comunidades corticeiras do país» em *Fundição*, n.º 7, p. 16 - 19.

Afonso, Fátima (2020), «Da fábrica de produtos químicos e sabão à instalação da unidade fabril corticeira da L. Mundet & Sons, Inc. no concelho do Seixal (1860-1922)», atas do V Encontro Internacional sobre Património Industrial e sua Museologia, Guimarães: Fundação Martins Sarmento / Associação Portuguesa para o Património Industrial (no prelo).

Afonso, Fátima (2021), «Prato de porcelana da Mundet & C.ª, Lda.», disponível em: https://www.cm-seixal.pt/sites/default/files/documents/prato_da_mundet.pdf.

Afonso, Fátima [et al.], (2010), «A Mundet e os modelos de formação de "centros corticeiros" no século XX. Da Catalunha ao Seixal (Portugal): o período de instalação e de consolidação», em Graça Filipe e Fátima Afonso (coord.), *Quem Diz Cortiça Diz Mundet*, Seixal, Câmara Municipal, Ecomuseu Municipal, pp.17-55.

Afonso, Fátima, e Carlos Pereira (2021), «O escarrador em faiança da Mundet & C.ª, Lda.», disponível em: https://www.cm-seixal.pt/sites/default/files/documents/escarrador_faianca_mundet.pdf.

Afonso, Fátima, e Fernanda Ferreira (2005), «Da Caixa de Previdência do Pessoal da Firma Mundet & C.ª Lda. ao centro de saúde do Seixal», *Ecomuseu Informação*, boletim trimestral do Ecomuseu Municipal do Seixal, n.º 36, julho/agosto/setembro, p. 18-19.

Afonso, Fátima, e Fernanda Ferreira (2007), «A coleção de desenhos técnicos do fundo Mundet», *Ecomuseu Informação*, boletim trimestral do Ecomuseu Municipal do Seixal, n.º 42, janeiro/fevereiro/março, p. 11-13.

Afonso, Fátima, e Fernanda Ferreira (2007), «O fundo documental Mundet: do inventário de património industrial corticeiro no concelho do Seixal à história empresarial da Mundet & C.ª Lda.», em Conferência Internacional Arquivos Empresariais, 2, Seixal, 2006, *Arquivos Empresariais: Fontes para a História Económica e Empresarial: Actas*, documento eletrónico, [Lisboa], Núcleo de Estudos de História Empresarial, CD-ROM.

Afonso, Fátima, e Fernanda Ferreira (2011), «Desde Seixal para el mundo: la iconografía en las colecciones documentales de Mundet & C.ª, Lda., antigua empresa de fabricación de corcho», em Jornadas Internacionales de Patrimonio Industrial, 12, Gijón, 2010, *Diseño + Imagem + Creatividad en el Patrimonio Industrial*, Gijón, Incuna, Asociación de Arqueología Industrial, p. 279-286.

Afonso, Fátima, e Fernanda Ferreira (2015), «A comunidade corticeira do Seixal: os trabalhadores da Mundet (1940-1950)», em *Encontro sobre Património de Almada e Seixal*, 2, Almada, 2014, *Actas do 2.º Encontro sobre o Património de Almada e do Seixal*, Almada, Centro de Arqueologia de Almada, p. 145-158.

Afonso, Fátima, e Fernanda Ferreira (2016), «Os trabalhadores da Mundet: contributos

4. Bibliografia e outras fontes

para a história da comunidade corticeira do Seixal», em Congresso de História do Movimento Operário e dos Movimentos Sociais em Portugal, Lisboa, 2013, *Atas do I Congresso de História do Movimento Operário e dos Movimentos Sociais em Portugal*, Lisboa, Universidade Nova de Lisboa, Instituto de História Contemporânea, vol. 1, p. 192-215, disponível em: https://run.unl.pt/bitstream/10362/17159/1/AtasICongressoHistoriaMovimentoOperarioMovimentosSociaisPortugal_vol1.pdf

Afonso, Fátima, e Fernanda Ferreira (2018), «"Hoje ninguém trabalha!": resistência operária no concelho do Seixal em 1943», em *Musa: Museus, Arqueologia & Outros Patrimónios*, 5, p. 271-282, disponível em: <http://maeds.amrs.pt/informacao/MUSA/MUSA5/20%20Fatima%20Afonso%20FF.pdf>.

Afonso, Fátima, e Fernanda Ferreira (2018), «Os trabalhadores da Mundet em Mora, Ponte de Sor e Vendas Novas: contributos para a história socioeconómica do montado», em *História e Economia: Revista Interdisciplinar*, 21, p. 31- 52, disponível em: <https://www.historiaeeconomia.pt/index.php/he/article/view/169>.

Brites, Maria de Lourdes (2009), *Memórias Revisitadas*, [Seixal], edição de autor.

Câmara Municipal do Seixal/Ecomuseu Municipal do Seixal (1998), *Mundet: no Pulsar do Tempo*, Seixal, Câmara Municipal do Seixal, Ecomuseu Municipal do Seixal.

Câmara Municipal do Seixal/Ecomuseu Municipal do Seixal (2002), *Água, Fogo, Ar, Cortiça*, Seixal, Câmara Municipal do Seixal, Ecomuseu Municipal do Seixal.

Câmara Municipal do Seixal/Ecomuseu Municipal do Seixal (2007), *Mundet (Seixal)*, material gráfico do Circuito Museológico Industrial, Seixal, Câmara Municipal do Seixal, Ecomuseu Municipal do Seixal.

Câmara Municipal do Seixal/Ecomuseu Municipal do Seixal (2009), *O Ratinho de Cortiça*. Seixal, Câmara Municipal do Seixal, Ecomuseu Municipal do Seixal.

Câmara Municipal do Seixal/Ecomuseu Municipal do Seixal (2010), *Quem Diz Cortiça, Diz Mundet*, Seixal,

Câmara Municipal do Seixal, Ecomuseu Municipal do Seixal.

Câmara Municipal do Seixal/Ecomuseu Municipal do Seixal (2020), *Núcleo da Mundet*, material gráfico, Seixal, Câmara Municipal do Seixal, Ecomuseu Municipal do Seixal.

Carrasco, Carlos (2003), «Do mato à fábrica: as fontes da Mundet para a história da cortiça», Conferência Internacional Cortiça, Património Industrial e Museologia, Seixal, 2000, *Cortiça, Património Industrial e Museologia*, documento eletrónico multimédia, Seixal, Câmara Municipal do Seixal, Ecomuseu Municipal do Seixal, CD-ROM.

Carrasco, Carlos (2005), «Trabalho na secção do papel de cortiça da Mundet», *Ecomuseu Informação*, boletim trimestral do Ecomuseu Municipal do Seixal, n.º 36, julho/agosto/setembro, p. 14-17.

Carrasco, Carlos (2008), «Corkskin: papel decorativo da Mundet, de "esmerada confecção artesanal"», *Ecomuseu Informação*, boletim trimestral do Ecomuseu Municipal do Seixal, n.º 47 abril/maio/junho, p. 12-14.

Centre d'estudis i Difusió del Patrimoni Industrial (2000), *El suro: people are the real history = A cortiça = Cork = Der kork = El corcho = Korken*, Barcelona, Centre d'Estudis i Difusió del Patrimoni Industrial,

Conferência internacional Cortiça, Património Industrial e Museologia, Seixal (2003), *Cortiça, Património Industrial e Museologia*, documento eletrónico, multimédia, Seixal, Câmara Municipal do Seixal, Ecomuseu Municipal, CD-ROM.

Curtinhal, Elisabete, e Fátima Afonso (2012), «Studying and safeguarding intangible heritage at the Seixal Municipal Ecomuseum», International Conference on Ecomuseums, Community Museums and Living Communities, 1, Seixal, (2012), *Ecomuseums 2012*, documento eletrónico, CD-ROM, p. 57-65.

Ecomuseu Municipal do Seixal (2000), *Os Vagares do Tempo: Mundet: 1997*, Seixal, Câmara Municipal do Seixal, Ecomuseu Municipal do Seixal.

Ecomuseu Municipal do Seixal (2001), *Do Montado à Fábrica de Cortiça*, Seixal, Câmara Municipal do Seixal, Ecomuseu Municipal do Seixal.

- Ferreira, Fernanda (2003), «Trabalhadores da Mundet: fontes de estudo sobre o universo do trabalho e do saber corticeiro», em Conferência Internacional Cortiça, Património Industrial e Museologia, Seixal, 2000, *Cortiça, Património Industrial e Museologia*, documento eletrónico, Seixal, Câmara Municipal do Seixal, Ecomuseu Municipal, CD-ROM.
- Ferreira, Fernanda, e Graça Filipe (2006), «As fontes arquivísticas e documentais e o património industrial da Mundet», *Ecomuseu Informação*, boletim trimestral do Ecomuseu Municipal do Seixal, n.º 41 (outubro/novembro/dezembro), p. 11-13.
- Filipe, Graça (1992), «Breve abordagem à história da indústria da cortiça no concelho do Seixal», *Al-madan*, n.º 1, dezembro, p. 63-68.
- Filipe, Graça (2000), «Cortiça, património industrial e museologia», *Al-madan*, n.º 9, outubro, p. 199.
- Filipe, Graça (2001), «Circuito museológico industrial: eixo estruturante de qualificação e desenvolvimento do Ecomuseu Municipal do Seixal», *Al-madan*, n.º 10, dezembro, p. 213-214.
- Filipe, Graça (2002), «Testemunho da indústria corticeira», *História*, n.º 49, outubro, p. 54-59.
- Filipe, Graça (2003), «A Mundet do Seixal: património industrial corticeiro como recurso de desenvolvimento local», *Ben Baso*, n.º 11, outubro, p.34-36.
- Filipe, Graça (2003), «Cortiça, património industrial e museologia: recursos de desenvolvimento à escala do território do Seixal», em Conferência Internacional Cortiça, Património Industrial e Museologia, Seixal, 2000, *Cortiça, Património Industrial e Museologia*, documento eletrónico, Seixal, Câmara Municipal do Seixal, Ecomuseu Municipal, CD-ROM.
- Filipe, Graça e Fátima Sabino (2005), «O passado no presente: relatos de vidas dedicadas à cortiça e à Mundet», *Ecomuseu Informação*, boletim trimestral do Ecomuseu Municipal do Seixal, n.º 37, outubro/novembro/dezembro, p. 13-16.
- Filipe, Graça, e Fátima Afonso (1999), «Trabalhadores algarvios na Mundet (1906-1989): fontes de estudo e primeiras notas associadas a uma pesquisa sobre trabalho e saber corticeiros», em Museu da Cortiça da Fábrica do Inglês, *Museu da Cortiça da Fábrica do Inglês: Exposição Permanente: Estudos: Catálogo*, Silves, Fábrica do Inglês, SA, p. 139-154.
- Filipe, Graça, e Fernanda Ferreira (2006), «O Ecomuseu Municipal do Seixal, a investigação e a preservação de património documental e arquivístico industrial», em *Arqueologia Industrial*, vol. 2, n.º 1-2, p. 29-41.
- Gil, Luís Manuel da Costa Cabral e (2005), «Cortiça: da produção à aplicação», *Ecomuseu Municipal*, Seixal, Câmara Municipal do Seixal, p. 143.
- Machado, Ana e Fátima Afonso (2008), «As fotografias do fundo documental Mundet do Ecomuseu Municipal do Seixal: um meio para conhecer o universo da cortiça», *Ecomuseu Informação*, boletim trimestral do Ecomuseu Municipal do Seixal, n.º 49, outubro, p. 11-14.
- Pimentel, Graça (2005), «Uma colecção de desenhos da Mundet para a marca *Jointite* e a aplicação de aglomerado de cortiça para revestimentos isolante e decorativo», *Ecomuseu Informação*, boletim trimestral do Ecomuseu Municipal do Seixal, n.º 35, abril/maio/junho, p. 12-14.
- Sabino, Fátima (2003), «Energias e tecnologias aplicadas à indústria da cortiça, um estudo de caso: a Mundet», em Conferência Internacional Cortiça, Património Industrial e Museologia, Seixal, 2000, *Cortiça, Património Industrial e Museologia*, documento eletrónico, Seixal, Câmara Municipal do Seixal, Ecomuseu Municipal, CD-ROM.
- Sabino, Fátima (2008), «Oficina de rebaixar, lixar e especialidades da Mundet (Seixal)», *Ecomuseu Informação*, boletim trimestral do Ecomuseu Municipal do Seixal, n.º 48, julho/agosto/setembro, p. 11-13.
- Sabino, Fátima (2013), «Indústria e industrialização em Portugal nos séculos XIX e XX: contributo para um conhecimento geral e aplicado ao concelho do Seixal» em Áreas Industriais e Comunidades Operárias, Portimão, Lisboa, Almada, Porto, 2011, *De Pé sobre a Terra: Estudos sobre a Indústria, o Trabalho e o Movimento Operário em Portugal*, [Lisboa], p. 711 – 743, disponível em: <https://www.upp.pt/drupal/sites/default/files/2014-01-23DePeSobreTerra.pdf>.

4. Bibliografia e outras fontes

Outras fontes

Todos os números do boletim trimestral *Ecomuseu Informação* estão disponíveis em: <https://issuu.com/municipiodoseixal>

Um vídeo sobre os 20 Anos de aquisição pública da Mundet, está disponível no canal do Município do Seixal, no Youtube, em: https://www.youtube.com/watch?v=TH5i0_QJ7ms.

Por fim, um acervo documental importante de fotografias, bem como o inventário de parte do acervo museológico da Mundet estão acessíveis no catálogo online do Ecomuseu Municipal, disponível através do seguinte link: <http://catalogo.cm-seixal.pt:8080/ow4/seixal27052013/index.xsp>.

Desde 2014, uma seleção desse acervo tem também difusão internacional no portal EUROPEANA, disponível em <https://www.europeana.eu/pt>.



Fotografia aérea da fábrica da Mundet, no Seixal.

Foto: © Miguel Silva (2022).

Ficha Técnica

Título: Núcleo da Mundet: Perspetivar um património industrial corticeiro com vista ao futuro

Investigação e textos: Fátima Afonso, Ecomuseu Municipal do Seixal

Créditos fotográficos: Câmara Municipal do Seixal (Divisão de Comunicação e Imagem, Ecomuseu Municipal do Seixal, Centro de Documentação e Informação)

Edição: Câmara Municipal do Seixal, Ecomuseu Municipal do Seixal

Apoio técnico à edição: Fernanda Ferreira, Ecomuseu Municipal do Seixal

Design gráfico e paginação: Paulo Simão, Mário Mateus, Divisão de Comunicação e Imagem

Revisão: Ana Valentim, Divisão de Comunicação e Imagem

Agradecimentos a doadores: Arturo Zindal Mundet, Edgar Rendeiro, Elso Roque, Hermínia Oliveira, Hugo Viriato Pescadinha, Joaquim Oliveira, Joel Calqueiro, Manuela Nobre, Sociedade Filarmónica Democrática Timbre Seixalense

Impressão e acabamento: Gráfica, Lda.

1.ª edição: Maio de 2022

Tiragem: 1500 exemplares

ISBN: 978-972-8740-79-5

Depósito legal: 500428/22



seixal
câmara municipal

ecomuseu

coleção

monografias

ecomuseu municipal do seixal